

XXII CICLO DE DEBATES EM HISTÓRIA ANTIGA  
*História & Narrativas*

# PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA FEIRA – DIA 24 DE SETEMBRO DE 2012

10:00 – 12:30 – SALÃO NOBRE

## Conferência 01

### HISTOIRES ET NARRATIONS CHEZ PLUTARQUE: L'EXEMPLE DES *EROTIKAI DIEGESEIS* (HISTOIRES D'AMOUR)

*Prof. Dra. Pauline Schmitt-Pantel (Université Paris-1 Panthéon-Sorbonne)*

Le thème proposé pour cette série de conférences «histoires et narrations» me paraît approprié pour présenter une étude d'un recueil d'histoires très singulières, du à Plutarque, les «Histoires d'amour»: *Erotikai Diegeiseis*. Je voudrais d'abord les replacer dans l'ensemble des écrits de Plutarque concernant les femmes.

## Conferência 02

### CONTOS EGÍPCIOS E ROMANCES GREGOS: UM CONTRAPONTO

*Prof. Dr. Ciro Flamarion S. Cardoso (UFF)*

Estaremos comparando, nesta ocasião, a primeira ficção destinada ao lazer que se conservou por escrito, isto é, os contos egípcios da época faraônica (a partir de aproximadamente 2000 a.C.) com a última a se desenvolver na Antiguidade, ou seja, os romances gregos: aqueles de que dispomos são quase todos dos primeiros séculos depois de Cristo. Trataremos de mostrar pontos de contato, ou seja, elementos da ficção egípcia que passaram para a grega (poucos), semelhanças e diferenças. As hipóteses que serão defendidas atribuem as diferenças a configurações muito distintas da relação autor/público, das ideologias e do imaginário em cada caso.

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 01 - SALÃO NOBRE****Coord. Prof. Doutorando Manuel Rolph De Viveiros Cabeceiras (UFF)****REFLEXÕES ACERCA DAS TÁTICAS NAVAIS DE SALAMINA NO SÉCULO V A.C.***Graduando Lucas Carvalho Sirieiro (GEHM-UFF)*

A seguinte exposição é um estudo realizado através do Grupo de Estudos em História Militar (GEHM-CEIA/UFF) relativo às táticas utilizadas na Batalha de Salamina pelos helenos, enfatizando a sua utilização do espaço e como elas influenciaram o domínio ateniense sobre o Mediterrâneo, fundamentado em obras antigas como a de Heródoto e Plutarco e em autores da historiografia moderna.

**GUERRA E POLÍTICA - A MAGISTRATURA MILITAR ROMANA E A ASCENSÃO DA REALEZA GÓTICA (382-410)***Prof. Mestrando Sandro Teixeira Moita (PPGH-UNIRIO / ECEME / GEHM-CEIA-UFF)*

Com a entrada dos Godos no Império Romano em 382, fruto do tratado de paz que encerrou a Segunda Guerra Gótica (376-382), uma nova relação surgiu no seio da sociedade gótica. Com a antiga nobreza destruída pela guerra e migração forçada, o poder passou das lideranças tradicionais para chefes guerreiros, gerando uma luta por quem seria capaz de conduzir os godos em sua nova moradia dentro do Império. Com o poder residindo basicamente nas mãos daqueles que possuíam grupos de guerreiros, e conseqüentemente, força militar, houve uma tentativa romana de cooptar as lideranças góticas através de diversos recursos, sendo que as magistraturas militares eram o recurso mais cobiçado pelos chefes bárbaros. Os casos de Gainas, Eriulf, Fravitta e Alarico são emblemáticos para demonstrar tal relação entre a o Império Romano e os godos, servindo para fortalecer a incipiente realeza, sendo o primeiro rei, Alarico, que era uma liderança indesejada pela corte romana.

**UM BREVE OLHAR SOBRE A ARQUEARIA GERMÂNICA NA ANTIGUIDADE.***Graduando Hiram Alem (NIELIM-UFRJ / GEHM-CEIA-UFF)*

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o emprego da arquearia por parte dos povos germânicos através de relatos literários e arqueológicos. Desta forma, será possível melhor compreender o papel do arco na cultura bélica de povos como os godos, francos e anglo-saxões bem como a relação entre estes e os povos com quem frequentemente interagem, como os romanos e as tribos montadas das estepes. Além das crônicas e registros escritos, a arqueologia ocupa um papel fundamental para tal análise, permitindo-nos operar uma tipologia dos arcos utilizados assim como suas características e forma de confecção, podendo talvez indicar um saber transmitido acerca destas armas. Ademais, acrescentamos que não é objetivo desta comunicação esgotar o tema, mas contribuir e incentivar debates e pesquisas acerca do assunto de forma a aprofundar o conhecimento em torno das práticas militares germânicas na antiguidade.

## **A CONSTRUÇÃO DO GUERREIRO SAMURAI NO JAPÃO ANTIGO: A IMPORTÂNCIA DAS INVASÕES MONGÓIS AO ARQUIPÉLAGO NIPÔNICO**

*Graduando Douglas Magalhães Almeida (GEHJA / GEHM-CEIA-UFF)*

Este trabalho realizado dentro do Grupo de Estudos sobre História do Japão Antigo do Centro de Estudos Interdisciplinares sobre a Antiguidade da Universidade Federal Fluminense, com o aprimoramento do conhecimento fornecido pelo Grupo de Estudos sobre História Militar (GEHJA; GEHM-CEIA-UFF) durante o segundo semestre de 2010, e pautado na fonte primária *Môko Shûrai Ekotoba*, o pergaminho de guerra ilustrado (*Emaki*) de *Takezaki Suenaga* tem como objetivo pontuar as duas culturas de guerra tão díspares – visando autores de história militar como John Keegan, Stephen Turnbull, Thomas D. Conlan e Karl Friday – e apresentar as conseqüências das duas invasões mongóis lideradas por Kublai Khan durante a Dinastia Yuan que foram combatidas na Baía de Hakata, na ilha de Kyushu ao sul do arquipélago japonês, influenciando na desestruturação sócio-política que resultou no período do Sengoku Jidai, a Era dos Estados em Guerra. O enfoque será acerca da importância destes combates na construção do guerreiro samurai quanto a seus valores e táticas de combate para períodos posteriores, através de uma análise da estratégia de combate mongol em atrito com a japonesa da época, derivando em uma nova síntese de arte da guerra nipônica.

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 02 – SALA 225**

**Coord. Profa. Dra. Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO)**

### **HISTÓRIA FAMILIAR E LEITURA ARQUEOLÓGICA: O CASO DE UM PERÍBOLO ÁTICO CLÁSSICO**

*Profa. Doutoranda Paula Falcão Argôlo (MAE - USP)*

Esta comunicação pretende apresentar um breve exercício de interpretação do precinto familiar de Theogenes Probalisios, estrutura funerária erigida na área de um cemitério clássico do dêmo ático de Probalinthos e encontrada durante escavação de salvamento na localidade moderna de Vrana (próxima à planície de Maratona). Estruturas deste tipo caracterizaram as paisagens funerárias áticas do período clássico e eram formadas a partir de uma série de associações entre elementos da cultura material, elementos e estruturas arquitetônicas e sepultamentos. Uma leitura integrada e contextual deste material permite que obtenhamos o mais significativo conjunto de representações visuais dos grupos domésticos na cidade clássica e, em diversos casos, a reconstituição de linhas genealógicas e relações de parentesco. A discussão deste caso particular tem como objetivo principal demonstrar a gama de possibilidades abertas por esta categoria de evidência na identificação de pontos de encontro de valores da vida doméstica, social e religiosa na Atenas do século IV a.C.

### **LARES: MITOS E CRENÇAS NA ROMA ANTIGA**

*Graduando Paulo Marcio Feitosa de Sousa (UNIRIO)*

No culto doméstico, do lar e da família, estão marcados alguns estágios da vida como: aceitação do bebê dentro da família, admissão na idade adulta, casamento e morte (do leito de morte à vida após a morte), todos de ordem religiosa familiar. Dentro desses estágios, e na vida dos antigos romanos, vê-se uma presença constante: Os Lares. Divindades "menores", presentes não somente no âmbito doméstico como no público, manifestando-se nas pinturas, esculturas e na fé.

**REPENSANDO A INTERPRETATIO***Profa. Mestre Glauce de Souza Luz (LHA/UFRJ)*

A *interpretatio* versava sobre um movimento de associação de cultos e divindades locais, mais conhecido como o ato romano de identificar os deuses dos “bárbaros” ao seu panteão. Este termo foi primeiramente citado por Tácito, em sua obra *Germânia* em 98 d.C. (Tac. *Germ.* 43,3), a qual mencionava duas divindades jovens, irmãs e germânicas associadas aos deuses gêmeos *Castor* e *Póllux*. Na comunidade acadêmica, sua primeira utilização foi concebida por Georg Wissowa (1916-1919), em seu trabalho *Interpretatio Romana*, para fazer designação romana de deus estrangeiro. No entanto, práticas de *interpretatio* eram muito comuns entre os antigos helenos e outros povos, assim denominada pelos acadêmicos - no caso heleno - de *interpretatio graeca*. Defrontamo-nos, dessa maneira, com algumas questões. Havia uma crença básica entre os helenos de que todos os povos honravam os mesmos deuses, ainda que com nomes, epítetos e práticas culturais diversas? Como o termo é tardio às ocorrências que vem desde o século IV a. C, e há a possibilidade de incorrer em anacronismos, como denominar esse fenômeno? Há uma tendência nas recentes abordagens ao desenvolvimento do ponto de vista “romanocêntrico”. E há discussões que apontam uma importância das elites locais e da população autóctone recém “romanizada” nesse processo. Até onde esse fenômeno era tipicamente romano, havendo, assim, necessidade de criar cultos de origem estrangeira? Partindo-se da metodologia de Marc Augé (1999), em o *Sentido dos outros*, essa comunicação busca construir uma perspectiva mais periférica do olhar tradicionalmente pesquisado, que é o “romanocêntrico”. Logo, essa comunicação propõe uma discussão do conceito de *interpretatio*, bastante controverso nas atuais pesquisas.

**QUANDO BUDA USOU TOGA ROMANA***Prof. Dr. André da Silva Bueno (UNIRIO)*

Um aspecto pouco conhecido da arte budista é sua dinâmica de formação, caracterizada por um processo de trocas interculturais. A religião budista é proselitista desde suas origens, e a partir do século 3 a.C., ela buscou expandir-se para fora da Índia, tentando inicialmente entrar em contato com o mundo mediterrânico. O diálogo com a cultura grega, estabelecido pelos reinos greco-índios ‘pós-Alexandre’, proporcionou o surgimento de uma rica iconografia budista na região de Gandhara (hoje, Afeganistão). Em torno dos séculos 1-2 d.C., período em que o norte da Índia era governado pela Dinastia Kushan, os budistas continuavam missionando em direção ao ocidente. Uma mudança notável, porém, se operou na iconografia budista: atentos a dinâmica geopolítica da época, na qual Roma desempenhava um papel preponderante, a representação de Buda ganha atributos de poder da cultura romana, como o uso da toga, que permitiriam que Buda continuasse a ser identificado como uma figura religiosa importante. Nessa breve comunicação, que integra minhas atividades no Pós-Doutoramento na UNIRIO, apresentarei alguns elementos que caracterizaram a formação dessa iconografia budista e sua relação com a cultura grega e romana, mostrando como o budismo criou uma forma de expressão intercultural única na antiguidade. Para a compreensão do diálogo intercultural, utilizaremos R. Panikkar (1990); e para compreender o processo de formação, bem como o debate, em torno da iconografia budista, abordaremos as obras de Foucher (1905), Coomaraswamy (1927), P. Pal (1968), K. Mittal (1993) e R. Banerjee (1993).

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 03 – SALA 227**

**Coord. Profa. Dra. Adriene Baron Tacla (UFF)**

### **A ONDA GERMANICA QUE SUBMERGIU A *BRITANNIA***

*Graduando Jackson Franco de Sá Monteiro (UFMA)*

Esta comunicação tem por objetivo fazer uma análise das dos motivos políticos, sociais e geológicos que culminaram no processo de migração dos povos germânicos que habitavam o litoral europeu, do norte da Gália à Península da Jutlândia (anglos, jutos, saxões e frísios) para a então colônia romana de *Britannia*.

### **MITO DAS LINHAGENS REAIS NAS FONTES ESCANDINAVAS DOS SÉCULOS XII–XIII**

*Prof. Mestrando Pablo Gomes de Miranda (UFRN)*

O presente trabalho busca apresentar as representações da linhagem da realeza norueguesa na saga dos Ynglingos. Para isso utilizamos do corpo poético e da prosa inerente a *Ynglinga saga* (saga dos Ynglingos), um documento islandês do século XIII que se ocupa em narrar o passado remoto escandinavo. Tal narrativa está ligada a fundação de uma das diversas linhagens reais escandinavas, traçando sua ancestralidade aos deuses escandinavos em paralelo a chegada desses homens à Noruega. O processo de evemerização, caracterizado pela transformação dos deuses em homens comuns, possibilita a perpetuação agnática dessa linhagem, se tornando parte fundamental da promoção ideológica da realeza norueguesa no período pré-cristão.

### **A CONSTRUÇÃO DO LUGAR SOCIOPOLÍTICO DOS DRUIDAS: ALÉM DE SUAS PERSPECTIVAS SAGRADAS**

*Graduanda Sara Carvalho Divino (UFMA)*

*Graduanda Thaís Andrea Costa de Sousa (UFMA)*

Os druidas possuíam desempenhavam funções nas sociedades celtas que não se limitavam somente à esfera do sagrado, sendo muitas vezes os responsáveis pela preservação das tradições e dos mitos. A sua influência nas assembleias públicas demonstrava participação mais ativa no ambiente público, já que essas apresentavam um caráter tanto religioso quanto político. Dessa forma, esse trabalho objetiva analisar o lugar sociopolítico dos druidas na Gália nos séculos I e II a.C, evidenciando suas relações sociais e enfatizando sua participação política na sociedade gaulesa antes da conquista romana. A fonte escolhida para a nossa análise é “Comentários da Guerra Gálica” escritos por Júlio César.

### **DEUSAS E GUERREIRAS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS MODELOS DE MULHERES GUERREIRAS GREGAS E NÓRDICAS**

*Graduando Weber Albuquerque Neiva Filho (UFMA)*

Ao longo dos anos, diversos estudos buscaram transcrever e elucidar quem foram essas mulheres capazes de transcender o mundo feminino e opor-se ao homem em um campo que lhe é normalmente dominante – a guerra. Regis Boyer, escandinavista francês, em um estudo comparativo sobre tais mulheres, afirma que as valquírias e as amazonas (respectivamente

presentes nos mitos nórdico e grego) são contrapartes, apenas se diferenciando pelo local aonde habitavam. Por meio deste estudo, buscamos contestar tal visão, pois acreditamos que a figura de Atena seja mais adequada como o ideal da mulher guerreira na Grécia, bem como apresenta mais características compatíveis com as valquírias. Para o embasamento teórico, nos utilizaremos de Sissa, Detienne, Boyer, Davidson e outros.

**15:45 – 17:15 – MESA DE COMUNICAÇÕES 04 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Profa. Dra. Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO)**

**FORMAS POLÍTICAS E HISTÓRIA DO URBANISMO GREGO: A ARQUITETURA  
MONUMENTAL COMO REPRESENTAÇÃO DO PODER TIRÂNICO ENTRE OS  
SÉCULOS VI E IV A.C.**

*Profa. Mestranda Glaucia Gajardoni de Lemos (MAE - USP)*

Esta comunicação constitui aprofundamento de temática apresentada em pesquisa de iniciação científica e de Mestrado, ambas desenvolvidas no Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (MAE-USP): a consolidação de formas urbanísticas e arquitetônicas como representação do espaço político grego. O objetivo central da atual pesquisa em nível de Mestrado é o de analisar em que medida o poder político – ou seu formato – interfere no disciplinamento do espaço, especialmente no que se refere à incorporação da ideologia tirânica nas grandes obras monumentais do Ocidente grego. Para este evento, a historicidade grega será debatida no que se refere à atuação dos tiranos, de sorte a demonstrar seu uso como instrumento de poder e identidade. Embora a monumentalidade seja, a nosso ver, uma contribuição das fundações gregas da Magna Grécia e da Sicília, estimulando a partir delas outras regiões do mundo helênico, as *poleis* da Grécia Balcânica também abrigaram formas arquitetônicas e urbanísticas monumentais que são passíveis de serem atribuídas a governos oligárquicos ou democráticos. Assim, os dados reunidos acerca da monumentalização do espaço nos servirão para delimitar um quadro comparativo entre as diferentes formas de organização política e social e o planejamento urbano dessas *poleis*, de modo a elucidar a chamada *paisagem do poder*, e como essa paisagem interfere na própria narrativa do mundo grego antigo.

**LIVIA DOMINA: O LUGAR DO GÊNERO E O GÊNERO DO LUGAR NA *DOMVS*  
*DOMINAE* SOB A *RESTAVRATIO* AUGUSTANA**

*Graduanda Andréia Tamanini (UNIRIO)*

Na restauração promovida por Augusto, a família e o âmbito privado são ressignificados e alçados a um patamar de núcleo do projeto modelar do novo *imperium*. Tal projeto implicou a criação e a aplicação de estratégias de representação da vida privada, de maneira a fazer parecer que o nascente sistema imperial constituía um retorno aos valores republicanos tradicionais da família romana. Tal concerto estratégico veio a reposicionar a mulher no que respeita à distinção de sua atuação nos domínios público e privado, e a colocá-la como uma protagonista do programa propagandístico desse modelo. A *domus*, reino da matrona, passa a ser, pois, *locus* de cerzidura e promoção do *ethos* da revolução augustana. A figura de Livia, esposa do imperador, e sua participação, real e simbólica, como *domina*, ou seja, a dona da casa, assume importância crucial como protótipo das virtudes femininas e dos valores da tradição romana.



***SPATIVM VRBS IN REGIONES VICOSQUE DIVISIT: A REORDENAÇÃO DOS BAIROS À ÉPOCA DO PRINCIPADO AUGUSTANO A PARTIR DA OBRA DE SUETÔNIO, VITA DIVI AVGVSTVS***

*Profa. Mestranda Debora Casanova da Silva (UNIRIO / PPGH / NERO / CAPES)*

De acordo com Suetônio, a frase eternizada nas *Res Gestae*, por Augusto – deixei de mármore a cidade de tijolos que recebi – é justa. Desde o período republicano, diversos problemas atingiram as regiões e bairros da *urbs*: incêndios, falta de água, violência, confusões políticas, o descaso com a ornamentação das ruas, santuários e até mesmo o abandono de alguns rituais. Dois pontos principais relacionados aos bairros demandavam maior atenção: a administração e a religião. Nossa comunicação analisará algumas modificações realizadas pelo governo de Augusto, tendo em vista o ordenamento do espaço físico e sagrado da *urbs*.

**15:45 – 17:15 – MESA DE COMUNICAÇÕES 05 – SALA 225**

**Coord. Prof. Mestre Roger Ribeiro da Silva (PUC-RJ)**

**OS USOS DA TRANSPOSIÇÃO DE NARRATIVAS ÓRFICAS NA OBRA DE PLATÃO**

*Prof. Mestre Roger Ribeiro da Silva (PUC-RJ)*

O presente trabalho pretende expor a curiosa relação que se estabelece entre os ensinamentos presentes nas narrativas míticas atribuídas a Orfeu e a filosofia do ateniense que expulsa a poesia no décimo livro de sua *República*. Atentar-nos-emos em como o *hieros logos* órfico se mostra presente na obra de Platão e é utilizado como recurso pedagógico, ou ferramenta de legitimação, para o discurso ético-escatológico encontrado nos *Górgias*, *Fédon* e *República* – Livro X.

**HISTÓRIA, NARRATIVA E BIOGRAFIA: O GÓRGIAS DE SEXTO EMPÍRICO.**

*Prof. Anderson Barbosa de Oliveira (PUC-RJ)*

A presente obra pretende expor a posição de Sexto Empírico em relação ao movimento sofístico. Em exatidão, nos propomos a apresentar a narrativa filosófico-biográfica que o autor romano elabora em torno de Górgias, sofista do quinto século anterior a cristo, que teria impressionado Atenas com sua capacidade em compor discursos erísticos. Desta forma, nos propomos sintetizar o avanço parcial de nossa pesquisa em direção a reconstrução historiográfica de Górgias, enquanto personagem histórica e literária partindo da obra de Sexto.

**FILOSOFIAS ESTÓICA E CRISTÃ: ATÉ QUE PONTO É POSSÍVEL UMA COMPARAÇÃO?**

*Profa Roberta Rodrigues Damasco da Silva (PUC-RJ)*

O presente trabalho expõe a discussão que norteia o atual momento de uma pesquisa que se pretende por em embate os conceitos éticos encontrados nas duas esferas de pensamento que o intitulam. Tal questionamento será apresentado como resultado da análise de parte da documentação legada pelas primeiras comunidades cristãs, pressupondo como verídicos os testemunhos encontrados nos Livro de Atos dos Apóstolos e prólogo do Evangelho Segundo São João.

## **UMA RELEITURA DO DIÁRIO DE ANNE FRANK AOS OLHOS DE EPICTETO**

*Profa Roberta Antunes Chrysóstomo de Avillez (PUC-RJ)*

Neste trabalho, proponho uma releitura do *Diário de Anne Frank* através do *Manuscrito* de Epicteto. Opto por analisar um único dia do diário, estabelecendo um recorte que melhor expresse a evolução da personagem. Levo em consideração principalmente o item de número 42 do *Manuscrito* de Epicteto, por sua assimilação com a Ética do Cuidado.

## **A CARTA VII DE PLATÃO E O SURGIMENTO DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

*Prof. Dr. Remo Mannarino Filho (PUC-RJ)*

O propósito deste trabalho é o de expor uma investigação a respeito do surgimento do discurso autobiográfico na Grécia Antiga, a partir especificamente da "Carta VII", atribuída a Platão. A ideia é propor um recorte investigativo que reflita sobre as razões que deram ensejo ao surgimento, na mesma cultura e num intervalo de tempo relativamente breve, aos discursos historiográfico, autobiográfico e filosófico, e que permita levantar hipóteses sobre a relação entre os três.

### **15:45 – 17:15 – MESA DE COMUNICAÇÕES 06 – SALA 227**

**Coord. Profa. Doutoranda Airan dos Santos Borges (LHIA-PPGHC-UFRJ/FAPERJ)**

## **TRANSMITINDO MENSAGENS: A NARRATIVA NA ICONOGRAFIA DA RELIGIOSIDADE BRETÃ**

*Profa Mestranda Érika Vital Pedreira (NEREIDA-PPGH-UFF/CNPq)*

No presente trabalho, pretendemos examinar o contato entre os romanos e os povos indígenas da Britânia através da análise de epígrafes e imagens representativas das *deae matres*. Consideramos, assim, que tanto as imagens quanto outros achados de cultura material possuem informações importantes sobre a sociedade que os produziu e as suas práticas culturais. As imagens, por exemplo, abordam questões do cotidiano através da união de elementos estáveis e constantes presentes em uma sociedade. Desta forma, podem ser compreendidas como narrativas, que fazem sentido dentro de um determinado contexto cultural.

## **DIVINIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO PESSOAL: AS NARRATIVAS IMAGÉTICAS NAS MOEDAS REPUBLICANAS**

*Profa Mestranda Claudia dos Santos Gomes (LHIA-PPGHC-UFRJ)*

A minha intervenção neste evento tem como objetivo divulgar os resultados obtidos pela pesquisa que venho realizando para elaboração de dissertação de mestrado, cuja temática se insere no projeto coletivo de pesquisa intitulado “Império: teoria e prática imperialista romana”, sob a coordenação da Profa. Dra. Norma Musco Mendes, cujo objeto central é analisar o Império Romano como um campo de experimentação comparativa. A problemática de nosso projeto de dissertação está vinculada à análise da interação do paradigma de Alexandre Magno com a construção do sistema de representação do poder pessoal dos generais romanos, durante os processos de crise do sistema



republicano de governo. Desta forma, a presente temática se adéqua plenamente à proposta geral do presente evento – “História & Narrativas”, pois pretendemos analisar o significado das narrativas imagéticas encontradas nas moedas batidas pelos generais romanos e datadas do século I a. C. Portanto, pretendemos com esta pesquisa estimular o debate comparativo sobre a conexão entre poder e cultura para a formação dos Impérios.

## **RELIGIÃO E NEGOCIAÇÃO COLONIAL NA GALLAECIA SOB O DOMÍNIO ROMANO**

*Prof. Doutorando Jorge Ricardo Cardoso de Carvalho Raposo da Câmara (LHIA-PPGHC-UFRJ)*

O objetivo da presente comunicação é discutir os resultados obtidos pela pesquisa que venho realizando para elaboração de tese de doutoramento. Optamos como campo de experimentação, analisar os processos de interação cultural que significou um ajustamento entre padrões de identificação da identidade romana e a alteridade nativa, possibilitando a construção de culturas híbridas nas províncias e contribuindo para a integração imperial. Neste sentido, nossa temática se adéqua à proposta de Marcel Detienne, de comparar o incomparável, visto que o conjunto de problemas em análise estimula e permite o diálogo e, conseqüentemente, a reflexão comparativa sobre as especificidades e diferenças que marcaram os processos de encontro/embate/conflito cultural entre colonizadores e colonizados que marcou a trajetória histórica dos impérios agrários. Optamos por restringir nossa investigação e testar nossa hipótese de trabalho numa análise de caso: estudo da religião romano-provincial nas cidades de *Bracara Augusta* e *Lucus Augusti*, na *Gallaecia*, durante o período romano. Pretendemos focar o impacto do domínio colonial romano sobre as populações provinciais destas regiões, partindo do princípio de que o Império Romano seguiu uma tipologia de domínio imperial marcada por uma dinâmica de inclusão, ou seja, os elementos opostos das culturas em contato tenderam mais a se interpenetrarem, a se conjugarem e a se identificarem do que a se excluïrem, possibilitando o surgimento de culturas híbridas, nascidas da interpenetração dos contrários e forjadas através das “estratégias” de “negociação colonial”.

## **ARQUITETURA E PODER NA LUSITÂNIA: UMA BREVE ANÁLISE DO VICUS ESPETACULORUM EMERITENSIS NO CONTEXTO AUGUSTANO**

*Profa Doutoranda Airan dos Santos Borges (LHIA-PPGHC-UFRJ/FAPERJ)*

Considerando a temática proposta para o XXII Ciclo de Debates em História Antiga – “História & Narrativas”, a minha intervenção tem como objetivo apresentar os resultados da minha pesquisa para elaboração de tese de doutoramento, sob a orientação da Profa. Dra. Norma Musco Mendes, concernentes a análise dos elementos que compõem a arquitetura decorativa do complexo do Teatro e Anfiteatro romano da colônia *Augusta Emerita*. Tal temática nos permite compreender, ainda, como o espaço do teatro e anfiteatro foram utilizados como lugares de divulgação e exaltação mítica do novo sistema de governo construído por Otávio Augusto. Portanto, nossa problemática está vinculada ao Império Romano como campo de experimentação comparativa, visto que se preocupa em construir argumentos explicativos sobre a importância da conexão entre poder e cultura para a formação do sistema de domínio imperial. Pretendemos contribuir, assim, para estimular o debate comparativo sobre a conexão entre poder e cultura para a formação dos Impérios.

**18:00 – 19:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 07 – SALÃO NOBRE****Coord. Prof. Mestrando Pedro Vieira da Silva Peixoto (UFF)****HADES: UM ESTUDO DO SUBMUNDO***Graduanda Natália Tavares Seixas (LHIA-UFRJ - Rio de Janeiro – RJ)*

Dentro do universo funerário grego antigo, o mundo dos mortos se caracteriza como um lugar multifacetado que será compreendido a partir de sua configuração espacial. A pesquisa busca compreender a questão espacial do Hades estabelecendo correlações com a religião funerária grega antiga e sua concepção de vida após a morte a partir das experiências mitológicas narradas por Homero e Hesíodo.

**A FESTA DA PÓLIS: AS PANATENEIAS E A HEGEMONIA ATENIENSE***Graduanda Amanda Tinoco de Mesquita (LHIA-UFRJ)*

Os rituais são característicos de quase todas as sociedades humanas conhecidas, antigas e atuais. Eles podem incluir diversos ritos de adoração, funerários e cultos, assim como ritos de passagem, como coroações, posses presidenciais e casamentos, eventos esportivos e outros. Na Grécia Antiga, os rituais eram executados em datas específicas de acordo com a sua tradição, podendo ocorrer no âmbito familiar ou em locais públicos, com participação de toda a comunidade e ocorriam durante as grandes festas religiosas e cívicas. Nesse sentido, esta comunicação pretende apresentar o ritual das Panateneias, mais expressiva festa da *pólis* dos atenienses, em honra à deusa Athená. Pretendemos demonstrar como o ritual expressava a grandeza e hegemonia política da própria *pólis*, que durante a cerimônia conseguia mobilizar toda a Ática e que possuía tão estreita ligação com esta deusa, desde as bases míticas de sua fundação até sua diversificação e desenvolvimento.

**“BENDITO AQUELE QUE É FORTE, E DESCONHECE O RANCOR, E, EM VEZ DE SERVIR A MORTE, AMA A VIDA, E SERVE O AMOR!”: O SÉQUITO DE APHRODITE***Prof. Diego Ferreira Rosas (LHIA-UFRJ)*

*Aphrodite* governou o coração tanto de mortais quanto de deuses, e todos eles – com exceção de *Athená*, *Ártemis* e *Héstia* – estavam sujeitos ao poder de despertá-los para o amor. Nascida do mar, a deusa é acompanhada desde então por um séquito de divindades que permeiam as características esperadas de uma boa esposa: as *Carites*, para conferir-lhes a graciosidade em seus passos, as *Horae* para orná-las de beleza e juventude, *Peitho* que embuti em suas palavras a persuasão, *Hímeros* para inflar aos amantes o desejo, *Anteros* que lhes permite a reciprocidade e por fim, *Eros*, o amor. Através da personificação de *Aphrodite* e daqueles que a acompanham em cortejo, podemos observar de que forma a sociedade grega vislumbrava, no caso dessa comunicação, no preparo matrimonial exaltar em suas mulheres a necessidade de “desejabilidade” frente a seu futuro marido.

### **CIRCE: O RETRATO DE UMA FEITICEIRA**

*Graduanda Stéphanie Barros Madureira (LHA-UFRJ)*

Através do Canto X da *Odisséia*, a presente comunicação busca apresentar e analisar a figura da famosa feiticeira Circe. Divindade e sacerdotisa de Hécate, ela utiliza-se de seus conhecimentos mágicos sobre a flora e a fauna para a confecção de *pharmakon* - poções mágicas - dos quais faz uso a seu bel-prazer. Buscamos entender a personagem, cujo ódio aos homens é um ponto ressaltado na obra de Homero: seu ímpeto de transformá-los em porcos teria subjugado nosso herói Odisseu, caso o deus Hermes não tivesse vindo em seu auxílio. Através da figura da sacerdotisa e de sua má fama, buscamos entender a visão dos helenos sobre a arte e a manufatura dos *pharmakons* e sua utilização no dia a dia antigo, visto que a manufatura de drogas e remédios é uma das principais formas de magia do V século a.C., três séculos após a aparição da personagem na obra do *aedo*. Circe exerce sobre nós o fascínio dual de uma feiticeira: encanta e seduz, ao mesmo tempo em que amedronta e repudia. Nada menos poderia se esperar da aprendiz de Hécate, Senhora da Magia

### **“RAINHAS DO HADES, DOADORAS DE VIDA, QUE COMANDAM OS GRILHÕES DO SUBMUNDO NAS ENTRANHAS DA TERRA”: DOS LABORES AOS FEITIÇOS ATRAVÉS DE HÉCATE E PERSEPHONE**

*Diego Ferreira Rosas & Stéphanie Barros Madureira (LHA-UFRJ)*

Hécate e Persephone eram pólos contrários uma da outra, e quando ambas deixavam o mundo dos mortos para regressar a Terra, Persephone trazia consigo o brilho e luminosidade da vida e da renovação, enquanto Hécate tecia consigo as teias das trevas, carregando em seu manto escuro as artes e os sortilégios mágicos e uma gama de aspectos que traziam mistério e temor aos próprios gregos. Enquanto Hécate conduzia as almas dos mortos por entre a terra até as entranhas do Hades, Persephone rejubilava-as com as dádivas de Elêusis aos que foram iniciados nos ritos sagrados da vida e da morte.

**18:00 – 19:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 08 – SALA 225**

**Coord. Profa. Dra. Arlete José Mota (UFRJ/Faculdade de Letras)**

### **PÉRICLES: O STRATEGÔS AUTOKRÁTOR E AS IMPLICAÇÕES DO PRESTÍGIO POLÍTICO**

*Professor Maurício dos Santos Ferreira (Centro Cultural Jerusalém)*

Esta comunicação tem por objetivo investigar o *Strategôs autokrátor* em seu espaço de atuação política, analisando as possíveis implicações do aumento do prestígio pessoal a partir do modelo de *strategia* exercido por Péricles

### **AS NARRATIVAS HISTÓRICAS ANTIGAS E A HISTÓRIA DA REPÚBLICA ROMANA**

*Prof. Doutorando José Ernesto Moura Knust (PPGH-UFF)*

Os historiadores gregos e latinos são a principal fonte escrita para o estudo da história romana do período republicano. Tradicionalmente, seus textos desempenharam um papel central na construção historiográfica moderna de grandes narrativas sobre este período. Contudo, a partir do *linguistic turn*, tem-se enfatizado o caráter literário da produção historiográfica – o que, por sua

vez, levou a um grande ceticismo perante as informações históricas presentes nestes textos. Porém, a centralidade das narrativas históricas antigas para a construção da História da República Romana é inescapável, e, portanto, a “perda da inocência em relação texto” permitida pelo *linguistic turn* não pode nos levar a um ceticismo estéril, mas a reconsiderações metodológicas sobre o uso desses textos como fontes históricas. Nesta comunicação pretendo apresentar algumas possibilidades tendo como ponto de partida a teoria literária de Terry Eagleton.

### **UM HOMEM E SUA ÉPOCA: O EPIGRAMISTA MARCIAL – UM OLHAR PARA A AVAREZA E A VAIDADE**

*Profa. Dra. Arlete José Mota (UFRJ/Faculdade de Letras)*

Na literatura latina gêneros do riso como a comédia, a sátira e o epigrama encontraram terreno profícuo, deixando um indiscutível legado, através de poetas como Plauto, Horácio e Marcial. O primeiro marca o período reconhecido como início de uma literatura latina propriamente dita. Plauto dá vigor e novas faces aos personagens consagrados na comédia nova grega. Horácio, um dos expoentes da sátira - aliás, gênero romano, marcado formalmente – em seus *Sermones (Diálogos)*, imprime movimento aos seus tipos, o que leva o leitor a observar por vezes a criação de um espaço dramático. Marcial, o epigramista, inova o gênero, já utilizado por Catulo, imprimindo mais vigor e visíveis mudanças de tom nos diversos temas abordados em seus poemas. A herança dos seus antecessores é clara nos epigramas de Marcial: ele próprio fala de seus mestres- e um diálogo se estabelece. O que chama a atenção em sua obra é a quantidade de tipos para os quais se volta o poeta. Se o homem, levado por emoções extremas nas mais diversas situações é seu alvo, inúmeras serão as formas de observá-lo e as impressões que restarão. O poeta o vê, acompanha-o nas ruas, nas termas, nas casas dos poderosos, dialoga... O presente trabalho propõe, então, acompanhar um pouco esse *movimento* de Marcial *dialogando* com seus personagens, mostrando detalhadamente seu perfil. Terão destaque epigramas em que a avareza e a vaidade se apresentam como características comportamentais. Pretende-se ainda reconhecer alguns traços em comum entre o epigramista e os mestres da comédia e da sátira.

### **ASCETISMO FEMININO E HIERARQUIA SACERDOTAL NA ANTIGUIDADE TARDIA: O CASO DE OLÍMPIA, DIACONISA DA IGREJA DE CONSTANTINOPLA**

*Graduando João Carlos Furlani (UFES)*

Por meio desta comunicação, pretendemos expor, de forma sucinta, alguns resultados obtidos em nosso último ano de pesquisa com o subprojeto “Pobreza, caridade e liderança feminina na Antiguidade Tardia: o diaconato de Olímpia em Constantinopla”. Nosso propósito foi abranger temas como a representação da pobreza, os ideais ascéticos e, principalmente, a condição social em que se encontravam as mulheres em nosso recorte temporal. Nesse sentido, definimos *Vita Olympiadis* como documentação a ser explorada, pois se trata de uma fonte que retrata a vida ascética de uma mulher, Olímpia, nos séculos IV e V. Acreditamos que, na sua condição de patrocinadora da igreja de Constantinopla e, especialmente, de obras de caridade, Olímpia exerceu uma importante liderança na Capital. Mediante reflexões a respeito de sua atuação e de outras mulheres, e das análises de nosso material e do contexto histórico, almejou-se visualizar as mulheres romanas como sujeitos sociais, bem como sua atuação com percursos próprios, agindo ou reagindo conforme os processos históricos vão se construindo.

**TERÇA FEIRA – DIA 25 DE SETEMBRO DE 2012****09:00 – 10:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 09 – SALÃO NOBRE**

Coord. Profa. Doutoranda Talita Nunes Silva Silva (PPGH – UFF/ CAPES / NEREIDA)

**OS ANTÍTIPOS FEMININOS NA ODISSÉIA DE HOMERO.***Doutoranda Talita Nunes Silva (PPGH – UFF/ CAPES / NEREIDA)*

Nesta comunicação iremos analisar na *Odisseia* de Homero a construção de dois antítipos femininos representados pelas personagens Clitemnestra e Penélope. Em sua narrativa Homero apresenta Penélope como o exemplo de mulher e esposa virtuosa, enquanto Clitemnestra é caracterizada como a mulher desalmada e adúltera que ajudou a assassinar o próprio esposo.

**IMAGENS DE BANQUETE NO SANTUÁRIO DE DEMÉTER E KORÉ EM ACROCORINTO NO PERÍODO CLÁSSICO***Mestranda Mariana Figueiredo Virgolino (PPGH – UFF/ CAPES / NEREIDA)*

O santuário de Deméter e *Koré* localizado na acrópole da *pólis* de Corinto se configura como um dos locais de culto com o maior número de salas de banquete (*hestiatoria*) já escavados. Na presente comunicação, analisaremos algumas figuras votivas retratando os praticantes do ritual da comensalidade comunal e estabelecendo associações entre a ideologia aristocrática da *pólis* coríntia e a importância da participação no banquete para a promoção de laços de solidariedade entre os cultuadores.

**AS IDEIAS E OS VALORES LITERÁRIOS DO PERÍODO ARCAICO ACERCA DOS “HOMENS DO MAR”***Graduanda Camila Alves Jourdan (UFF/ FAPERJ/ NEREIDA)*

As epopeias e os poemas formulados no período arcaico grego auxiliaram na construção de uma imagem dos “homens do mar”. Buscamos, para esta comunicação, explorar as “representações sociais” concernentes aos *nautai*, contrapondo os valores e ideias propostos pela *pólis* (através de sua literatura) com a necessidade do comércio e da navegação realizados pelos navegantes.

**O CONTATO ENTRE ODISSEU E POLIFEMO EM HOMERO E EURÍPEDES: A NEGAÇÃO DA HOSPITALIDADE***Graduando João Carlos d’Almeida e Souza Roxoroiz de Belford (UFF/ PIBIC-CNPQ / NEREIDA)*

Na presente comunicação, iremos analisar o contato entre o *Eu* e o *Outro* no imaginário helênico por meio da figura mítica do Cíclope. Para tal, utilizaremos como referência a prática da hospitalidade, elemento essencial da relação entre o grego e o estrangeiro, bem como as representações construídas acerca do contato entre o herói Odisseu e o ciclope Polifemo, tanto no drama satírico *O Cíclope* de Eurípides, quanto no canto IX da *Odisseia* que aborda tal episódio.



**09:00 – 10:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 10 – SALA 225**

**Coord. Prof. Doutorando Manuel Rolph De Viveiros Cabeceiras (UFF)**

**A CRIAÇÃO DE SALOMÉ – UM ENSAIO COMPARATIVO DOS EVANGELHOS DE  
MARCOS 6:17-29, MATEUS 14:3-12 E ANTIGUIDADES JUDAICAS 18**

*Profa. Mestranda Fabiana Pereira do Amaral (UFRJ)*

Quando nos propomos a estudar textos religiosos, sempre nos deparamos com as questões: quanto de plausibilidade histórica há nesses textos? O que podemos depreender de determinada sociedade, em determinado tempo, através de seu discurso religioso? Tanto mais difícil tal tarefa se torna quanto mais imerso nesse discurso estamos. No caso dos cristianismos originários, além de, nos dias hodiernos, vivermos em uma sociedade pautada nos princípios morais judaico-cristãos – independente de religiosidade pessoal –, os primeiros textos sofreram uma longa influência de copistas e tradutores, que muitas vezes alteraram seu sentido primevo. Desta forma, o estudo historiográfico dos textos e personagens bíblicos sempre se mostra um grande desafio. Na trilha desse desafio, este trabalho pretende dedicar um olhar mais atento a uma personagem contraditória, tão conhecida quanto obscura: Salomé, filha de Herodíades, enteada de Herodes Antipas. A mesma que, com sua dança, cativou o padraço, a ponto de este ofertar-lhe o que ela desejasse, comprometendo-se diante dos convidados de sua festa e não podendo voltar atrás em sua promessa quando ela lhe pediu a cabeça do profeta João, conhecido como Batista.

**IMAGINÁRIO FARISAÍCO NO CRISTIANISMO PAULINO**

*Graduando William Braga Nascimento (UEMA)*

Este trabalho pretende analisar o discurso do apóstolo Paulo de Tarso no processo de construção e aceitação do cristianismo que ainda estava em formação no século I. Para isso, tomar-se-á como base os escritos canônicos presentes no livro de Atos dos Apóstolos e Efésios, nos quais demonstram uma continuidade do judaísmo farisaico do qual Paulo foi servo, impetradas no cristianismo, ressaltando também a importância da apocalíptica judaica no imaginário paulino que de certa forma nortearam as suas ações.

**AS ENTRELINHAS DA GRANDE REVOLTA JUDAICA NAS NARRATIVAS  
APOCALÍPTICAS**

*Graduanda Ingrid Luane Campêlo de Oliveira (UEMA)*

Neste trabalho, trataremos especificamente do olhar que o historiador judeu do século I, Flávio Josefo, dar sobre a literatura-apocalíptica e de que forma a mesma interferiu como um agente motor nas tensões anti-romanas na Judéia em um momento específico, na chamada Grande Revolta Judaica ocorrida entre os anos de 66-70 d.C. Os estudos hoje apontam a existência efetiva de uma relevante relação entre a inquietação social e os apocalipses, destacando que, o conhecimento destas literaturas no âmbito social, resultou em fatores decisivos para a eclosão e o desencadear da Revolta. A partir da narrativa de Josefo sobre a Guerra dos Judeus, e paralelo à narrativa do Testamento de Salomão, qualificada pelo historiador Chevitarese (2007) como sendo uma literatura-apocalíptica judaica, levantaremos questões sobre esse conflito e o que se pode ler em suas entrelinhas.



## **AS VÍBORAS E O MACHADO: UM LÍDER POPULAR CHAMADO JOÃO E COGNOMINADO O BATISTA (I EC)**

*Graduando Vítor Luiz Silva de Almeida (UFRJ)*

As pesquisas atuais, relacionadas ao paleo-cristianismo e a descoberta e recepção do Jesus histórico, temas que durante séculos estiveram sob a égide de correntes intelectuais ligadas, basicamente, ao campo da Teologia, vem abrindo um universo de perspectivas e abordagens, históricas, arqueológicas, antropológicas, linguísticas e sociológicas. Estas pesquisas, amparadas por uma leitura crítica da documentação textual judaica e cristã e por ferramentas teórico-metodológicas consistentes, apontam caminhos inteiramente novos para os que se interessam por estudos acerca do contexto judaico e helenístico-romano da Palestina, sobretudo, no que diz respeito ao surgimento de variados movimentos, violentos e não violentos, de resistência popular, tanto em âmbito rural como urbano. Neste sentido, a pesquisa que agora se apresenta, tem por objetivo analisar o contexto de ação do movimento de João, cognominado Batista, um líder judeu que viveu, aproximadamente, em momento simultâneo ao de Jesus. O objetivo é analisar criticamente, através dos resquícios de memória presentes na obra de Flávio Josefo e na literatura neo-testamentária, a trajetória de João e seus seguidores, não apenas como um elemento individualizado, mas inserido no quadro endêmico de formação de movimentos e grupamentos sociais de resistência na Palestina romana, ao longo do século I EC, período em que viveu e atuou João, cognominado Batista.

### **10:45 – 12:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 11 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Profa. Mestre Miriam Lourdes Impellizieri Silva (UERJ)**

#### **O PAPEL DOS IMPERADORES LICÍNIO E CONSTANTINO NO EDITO DE MILÃO**

*Graduando Richard Kennedy Nascimento Candido (UFAM)*

O Edito de Milão é um documento muito importante para a História da Igreja e nesta comunicação pretendo abordar alguns dos motivos que levaram à assinatura deste documento por Licínio e Constantino no ano 313. As perseguições que os cristãos sofreram no século III será o ponto de partida desta análise, pois influenciou diretamente não só o Edito de Milão, mas também outros editos, como o de Galério assinado em 311. Dois pontos cruciais deste documento merecem uma análise mais detalhada: a concessão da liberdade de culto para todas as religiões do Império, e a devolução dos bens confiscados aos cristãos. Neste presente trabalho, pretendo analisar também o que alguns historiadores escreveram a respeito deste assunto em suas obras.

#### **CONCÍLIOS GALOS E HISPANO-ROMANOS NO SÉC. IV**

*Prof. Mestre Macário Lopes de Carvalho Júnior (UFAM)*

Um dos fenômenos mais interessantes na consolidação do cristianismo como religião hegemônica ao longo do séc. IV foi a realização de um grande número de concílios eclesiásticos. No século marcado pela descriminalização do cristianismo (313) e pela sua transformação em religião oficial do estado romano (380), a tradição das comunidades locais de deliberar e legislar de maneira colegiada tornava-se, também, uma ferramenta de homogeneização de comportamentos, hierarquia e doutrina. Nove das assembleias conciliares, ocorridas nas dioceses da *Hispania* e da *Galia*, deixaram algum registro na forma de cânones disciplinares (normas que regulavam o comportamento do clero e dos leigos) ou de conteúdo teológico (credos, condenação de hereges, esclarecimentos doutrinários e, ou, anatematização de crenças específicas). O presente trabalho

pretende, portanto, fazer uma avaliação inicial desta documentação, a fim de destacar os temas mais recorrentes e as direções apontadas por esses concílios dentro dos processos de transformação do cristianismo ao longo do século IV.

### **AS DETERMINAÇÕES DISCIPLINARES DE CIPRIANO DE CARTAGO ACERCA DAS VIRGENS CRISTÃS (SÉCULO III D.C.)**

*Profa. Doutoranda Caroline da Silva Soares (UFES)*

O objetivo desta comunicação é evidenciar as determinações disciplinares de Cipriano, bispo de Cartago, acerca das virgens cristãs. Tais ideias estão contidas no tratado *De habitu Virginum*, composto em 249 d.C., e que apresenta elogios feitos às virgens, tratadas como mulheres virtuosas. Este opúsculo assinala as cautelas e prevenções que as virgens cristãs devem ter em relação às tentações do mundo, as quais podem levá-las a abandonarem o hábito da *pudicitia*, considerado, pelo bispo, como algo excelso e primordial para o funcionamento da comunidade cristã. Assim, pretendemos evidenciar, partindo das considerações de Cipriano de Cartago, os códigos de conduta contidos em sua obra que visavam disciplinar as virgens cristãs da *ekklesia* cartaginesa de meados do século III.

### **UMA SANTA DO SÉCULO VI E SEUS HAGIÓGRAFOS**

*Profa. Mestre Miriam Lourdes Impellizzeri Silva (UERJ)*

Há muito estudamos a santidade nos primeiros séculos do Cristianismo e no período medieval. Uma das santas que mais tem atraído nossa atenção é Radegunda de Poitiers, a quem já dedicamos alguns trabalhos. Radegunda viveu no século VI, de origem túrquia. Ainda menina, depois de ter visto seu povo ser massacrado pelos francos, foi levada como troféu de guerra para a Gália, tendo sido educada na corte de Clotário, que a desposou anos mais tarde. Inconformada, Radegunda busca, de todas as formas, fugir da corte e de perto de seu marido. Finalmente, consegue, com a permissão de Clotário, fundar um mosteiro, em Poitiers, onde passará a viver, longe do século, em ascese contínua. Ainda em vida, desperta a atenção dos seus contemporâneos, que escrevem sobre ela. Entre estes, se destacam Gregório de Tours, que acabará por presidir a cerimônia das suas exéquias, e Venâncio Fortunato, seu grande amigo, que lhe dedica boa parte dos seus *Carmine*, e que redige sua primeira hagiografia. Poucas décadas mais tarde, é a vez de Baudonívia, monja de Santa Cruz de Poitiers, que recebe a incumbência de escrever uma segunda vida de Radegunda, de forma a completar o relato de Fortunato. Mesmo tendo Radegunda como centro, as duas hagiografias diferem profundamente, não apenas na forma de abordagem de sua vida, mas, principalmente, na concepção de sua santidade, inserindo-a em modelos diversos.

**10:45 – 12:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 12 – SALA 225**

**Coord. Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (IH - UFRJ)**

### **IMAGENS DA BELEZA MASCULINA: NUDEZ E PRÁTICAS ESPORTIVAS NA GRÉCIA CLÁSSICA**

*Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (IH - UFRJ)*

A Grécia antiga impôs um modelo estético no qual a nudez masculina ocupava um espaço de destaque. Nesta comunicação, propomos estudar a vinculação existente entre nudez e práticas esportivas na Grécia Clássica (séculos V e IV a.C.) a partir das imagens de atletas pintadas na cerâmica ática. Defenderemos que a nudez em certas circunstâncias da vida coletiva, como no

esporte, nos remeterá à noção de vida civilizada, sendo o modelo estético de representação da beleza masculina uma construção social que coloca em relevo justamente a própria ideia de comunidade política.

### **O GUERREIRO GAULÊS: O CORPO NARRADO NOS COMENTÁRIOS DAS GUERRAS DAS GÁLIAS**

*Graduanda Priscilla Ylre Pereira da Silva (UFES)*

Esta comunicação tem por objetivo analisar a relação entre o homem romano e o gaulês em campo de batalha, para tal utilizaremos a perspectiva da observação do corpo, moldada pelos indivíduos de acordo com os predicados culturais da sociedade das quais pertencem. Acreditamos que os traços culturais marcados na superfície do corpo do gaulês e as características próprias de cultura manifestadas ora em seus gestos, ora no modo de portar o corpo em batalha – que são descritos por César em sua obra *Comentários das Guerras das Gálias* –, nos revelam o ponto de vista romano sobre a natureza e personalidade dos gauleses. Afinal, o corpo é interpretado como ponte de contato com o meio, interiorizando-o e exteriorizando-se, surgindo assim como o elemento de manifestação cultural mais visível dos sujeitos sociais.

### **ASPECTOS HISTÓRICOS DAS DOENÇAS DAS MAMAS E DO SEU TRATAMENTO NAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS**

*Prof. Dr. Paulo Cesar A. Carneiro (Faculdade de Medicina - UFRJ)*

As doenças das mamas ou seios integraram a atenção dos médicos e historiadores médicos através do tempo. O câncer de mama permanece como uma das mais temíveis enfermidades humanas, mesmo no século XXI. Objetivamos Relatar fragmentos históricos sobre as doenças das mamas, em especial do câncer de mama nas civilizações antigas: egípcia, babilônica, período grego-clássico e período grego-romano. Nossa metodologia fundamentou-se em levantamento de textos históricos das doenças de senhoras, tratados de ginecologia e de mastologia em Bibliotecas do Estado do Rio de Janeiro, tais como a Biblioteca do CCS/UFRJ, Biblioteca do IFCS/UFRJ, Biblioteca da Academia Nacional de Medicina e Biblioteca do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, bem como publicações da Base de Dados Lilacs, na *internet*. Disto resultou o conhecimento de que o mais antigo relato da história médica vem do antigo Egito. O Papiro mais informativo sobre doenças das mamas é o enunciado por Edwin Smith (1822-1906), em Tebas, em 1862. São feitas referências às doenças das mamas, tais como: abscessos, traumatismos e feridas infectadas. No período clássico, o progresso científico deveu-se a Hipócrates. Ele resgatou a medicina do reino sobrenatural. Não propôs nenhum tratamento. No período greco-romano, houve a contribuição de Leônidas, Aurélio Cornélio Celso e Galeno (descreveu o câncer de mama como uma tumoração com veias distendidas assemelhando-se às patas de um caranguejo). Assim, concluímos que apenas os abscessos eram curados com incisão e drenagem. O câncer mamário, nas civilizações antigas, era considerado como doença incurável.

### **A MEDICINA GRECO-ROMANA E CRISTIANISMO NA PRIMEIRA IDADE MÉDIA: CONSIDERAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS**

*Prof. Mestrando Bruno Uchoa Borgongino (PEM - CAPES - PPGHC - UFRJ)*

Em minha dissertação de mestrado, abordo a temática dos cuidados com a saúde física em regras monásticas dos séculos VI e VII. Por conta disso, dentre os campos com os quais minhas

investigações vêm dialogando consta a História da Medicina. Nesta comunicação, pretendo debater criticamente a historiografia produzida sobre o tema no âmbito deste campo. Em minha abordagem, identifico duas perspectivas para análise: uma que frisa a descontinuidade da Medicina “racional” no período de instalação dos germanos nos territórios antes pertencentes ao Império Romano, houve uma decadência da Medicina “racional”; e outra que ressalta a continuidade do saber médico clássico na Primeira Idade Média. Ressalto que a pesquisa com a qual esta comunicação se vincula é realizada no âmbito do Programa de Estudos Medievais (PEM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Rodrigues da Silva. Meu projeto individual integra um esforço investigativo coletivo, coordenado pela minha orientadora, que versa sobre a produção intelectual eclesiástica e a normatização da sociedade nos reinos romano-germânicos.

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 13 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Profa. Mestre Patricia Horvat (UNIRIO)**

**UM OLHAR SOBRE O SENTIMENTO DE VINGANÇA, A PARTIR DE AS TROIANAS DE EURÍPIDES**

*Graduanda Jandira Magalhães Queiroz (UFAM)*

*As Troianas* é uma obra teatral que retrata a situação das mulheres daquela época após a guerra de Tróia, demonstrando quais foram os destinos que os gregos lhes reservaram. Nesse momento, os sentimentos que lhes rodeiam começam a despertar outro sentimento mais intenso chamado vingança, que continua constante até o fim da obra. Quando o sentimento surge direta e intensamente na obra, percebe-se que ele é motivado principalmente pelo sofrimento e a angústia. O sentimento de vingança está presente em todas as personagens, porém a personagem principal Hécuba, rainha de Tróia, inicia como sofredora, em uma tristeza sem fim, e esses sentimentos motivam o principal e que estava escondido que é a vontade de vingança.

**O EPISÓDIO DE IO E O DISCURSO SIMBÓLICO EM PROMETEU ACORRENTADO**

*Profa. Mestre Patricia Horvat (UNIRIO)*

É consenso que a psicanálise dialoga desde sua origem com a tragédia e ambas apóiam-se nos conflitos oriundos da impossibilidade de harmonização dos hiatos entre a vida individual e a vida política. Na leitura de *Prometeu Acorrentado*, atribuída a Ésquilo, pode-se fazer uma analogia entre o que a tragédia apresenta e a abordagem psicanalítica na atualidade. Nossa proposta é analisar uma passagem do terceiro episódio desta tragédia, na qual é veiculada uma imagem da *função* e do *papel* das mulheres na sociedade, a partir da personagem Io, observando-se as relações entre os papéis sociais de gênero e o simbólico (*universal*) masculino.

**HÉRACLES: O HERÓI ORDENADOR NA TRAGÉDIA ATENIENSE CLÁSSICA**

*Profa. Mestranda Poliane da Paixão Gonçalves Pinto (UFG)*

O espaço da tragédia, não era apenas um local de diversão ou de ritos religiosos. Além disso, teatro era o ambiente onde as histórias dos passados míticos eram revividos, e interligavam o presente ao passado dos deuses e heróis. Assim, durante as representações trágicas, aquelas histórias tornavam-se vivas novamente em meio a *polis*. Partindo desses pressupostos será

analisado nesta comunicação como o herói Hércules se apresentou como um herói ordenador do ambiente da *polis*, na medida em que sua imagem era representada na tragédia.

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 14 – SALA 225**

**Profa. Ellen Moura Teixeira de Vasconcelos (UFF)**

**O PERIGO QUE VEM DO MAR: ATAQUES DE PIRATAS CÍLCIOS CONTRA ROMA NO SÉCULO I A.C.**

*Graduando Adriano Silva Everton (UFMA)*

Não foram apenas as invasões bárbaras que expuseram Roma a uma situação de perigo iminente. Ainda no período da República, por outro meio de locomoção, o mar mediterrâneo, Roma sofreu uma série de ataques de piratas cílcios, os quais quase deixaram a então capital do mundo a beira do estado de fome. Oriundos da Ásia menor, os piratas cílcios começaram seu ciclo de roubos e saques em navios gregos até surgirem como ameaça contra a Roma do século I a.C. Este artigo tem como objetivo de contextualizar a civilização dos cílcios e analisar suas ações contra Roma, inclusive o sequestro do jovem Júlio César. Para tal intento este artigo tem como referências, textos de Daniel Defoe e de Plutarco.

**O IMAGINÁRIO SOBRE O MAR E O ESTATUTO SOCIAL DOS “HOMENS DO MAR” NA ATENAS CLÁSSICA**

*Graduanda Marla Rafaela Lima de Assunção (UEMA)*

Este trabalho busca analisar e compreender o estatuto social ambivalente dos pescadores na *pólis* ateniense do período clássico. Para tanto, pretende pensar os diferentes elementos que sustentavam essa ambivalência: a *métis* do pescador, a atividade da pesca e as relações estabelecidas com o espaço marítimo e as divindades cultuadas. Sendo uma discussão significativa no estudo das sociedades antigas e modernas, sua proposta é resgatar a identidade desses homens do mar. Que fatores contribuíram para o desprezo dessa camada social? O pescador era um cidadão? Qual sua influência na sociedade ateniense? Os documentos arqueológicos e clássicos literários analisados fornecem as respostas e explicam a marginalização dos homens do mar.

**A DIPOLIS DE ESTRABÃO: UMA BREVE ANÁLISE DO ESTUDO DO ESPAÇO E DA IDENTIDADE EM EMPÓRION A PARTIR DA OBRA GEOGRAFIA**

*Profa. Ellen Moura Teixeira de Vasconcelos (UFF)*

A presente comunicação pretende expor uma breve discussão de como a obra *Geografia* (Livro III) de Estrabão foi importante para o desenvolvimento de nossa pesquisa, onde abordamos o estudo do espaço e da identidade de *Empóron*. A presente obra, associada à cultura material e à epigrafia encontradas no assentamento emporitano, nos aponta a existência de espaços compartilhados entre gregos e nativos peninsulares durante o século V a.C. Portanto, trataremos nesta apresentação da análise de trechos de Estrabão, utilizados em nossa pesquisa, os quais favoreceram interpretações sobre a vida social e o processo de hibridização no núcleo portuário desta cidade.



**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 15 – SALA 227****Coord. Profa. Doutoranda Lolita Guimarães Guerra (PPGH-UNICAMP / UEFS / Bols. CNPQ)****A TRANSCENDÊNCIA DA MORTALIDADE: OS MISTÉRIOS DIONISIÁCOS E O BEM-AVENTURADO PÓS-MORTE***Graduanda Rangele Leite Campos (UEFS)*

A crença na existência da alma e as preocupações com a vida após a morte marcaram a religiosidade pré-helênica e helênica. Os gregos antigos acreditavam na transcendência da alma, pois sua existência extravasa os limites da resistência do corpo. Por conseguinte, apesar da concepção homérica de Hades, destino quase sempre certo dos mortos, a possibilidade de ir para a Ilha dos Bem Aventurados oferecida pelos Mistérios significava uma chance de bem aventurança após a morte. Segundo Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia*, a pior coisa para o Grego é morrer, logo, a segunda pior é morrer um dia. No desespero por transcender a mortalidade, aproximando-se ao máximo da morte ao ponto de audaciosamente tocá-la, percebemos os Mistérios dionisiacos e a busca por uma vida de júbilo após a morte. É importante mostrar que existem diferenças entre o culto cívico e o culto misterioso. Enquanto o primeiro concentra-se numa esfera aberta de festejos e traz, dentre outras especificidades, a socialização da crença, os mistérios oferecem experiências nas quais o âmbito religioso formal da *pólis* não se concentram, como é o caso da superação ritual da morte.

**DA PERSUASÃO AO MAL NECESSÁRIO: A ALMA FEMININA NO DISCURSO TRÁGICO***Graduanda Karolini Batzakas de Souza Matos (UEFS)*

O presente trabalho busca nas *Bacantes*, de Eurípedes, analisar o arquétipo feminino traçado na Atenas do período clássico. Qual era o papel exercido pela mulher na sociedade ateniense? Mesmo presa ao *oikos*, a mulher constrói uma posição na vida política, através de redes sociais informais. A partir da explicação mitológica de Hesíodo acerca da genealogia dos deuses, os cidadãos edificam em seu imaginário a mulher como um mal, *mal necessário*, ressalta Marta Mega de Andrade. Ao entrarmos em contato com o mito de criação do mundo, tocamos o problema do Sagrado. Mito e realidade se entrelaçam de forma que a narrativa sobre Pandora encontra-se amalgamada à marginalização da mulher ateniense. Esta a constitui e é, ao mesmo tempo, constituída por ela. Essa relação é contestada no menadismo e a consequente transgressão do *nómos* poliade da mulher como aquela que, segundo Jaeger, *é destinada pela natureza exclusivamente a conceber filhos e a governar a casa*. Nessa perspectiva, é também passível de ser trabalhada a imagem da cidade ideal em contraposição ao dionisismo. A proposta é mostrar o caráter transgressor da mulher, presente nesse contexto dionisiaco, destacando-a como subversora da ordem poliade.

**MEDEIA: A MONSTRUOSIDADE E A MARGINALIDADE DO OUTRO NO OUTRO***Graduanda Luzia Santos Silva (UEFS – PIBID)*



A *Medeia* de Eurípedes nos permite entrar em contato com uma personagem subversiva e transgressora. Segundo Marta Mega de Andrade, a mulher é o outro dentro da *pólis*, é a possibilidade da diferença na própria cultura. A partir da leitura de Vernant, *Medeia* enquadra-se no marginal e monstruoso que o autor discute em *A Morte nos olhos*. Este trabalho pretende analisar *Medeia* como o Outro por excelência, o Outro dentro do Outro. Mortal, mulher, estrangeira, infanticida e feiticeira, *Medeia*, que ocupa inicialmente o lugar de Outro na *pólis*, por ser estrangeira e mulher, torna-se também Outro entre as mulheres, pelo seu perfil transgressor irado e por ser assassina de seus filhos, em contraposição ao perfil de mulher *mélissa*. Através do conceito de “alteridade” discutido em Vernant, este trabalho pretende pensar *Medeia* como o Outro, um contra-modelo da sociedade que, como mulher viril, empunha o gládio, para com a morte dos filhos expor à visão da morte Jasão. A cólera e o *thymós* de *Medeia* inserem-na em diferentes níveis de alteridade.

### **O ROSTO DO ABJETO: FEDRA E A TRAVESSIA DA DIVINDADE**

*Profa. Doutoranda Lolita Guimarães Guerra (PPGH-UNICAMP / UEFS / Bols. CNPQ)*

A tragédia, enquanto experiência pública de face a face com o Mito, desloca a audiência, o corpo de cidadãos, para um espaço extrapolado, de transgressão do *nómos*. O mito, desta maneira, constrói-se como *psico-logia*, um *lógos da alma*, um discurso e um saber sobre aquilo que há, no herói trágico, de transgressor. Sede das paixões, a alma trágica, amalgamada a uma corporeidade permeável e fronteira, a qual é frequentemente atravessada pelo divino, compõe uma subjetividade alternativa, próxima ao divino na medida em que não se submete ao discurso democrático da isonomia. No entanto, essa consequente *isotheía*, exposta diante do corpo cidadão, circunscreve, no teatro, uma espacialidade e uma temporalidade excepcional, abertura ritual para a Lonjura e o Outrora de Eudoro de Sousa, “onde o Ser se revela e se vela, na fulguração absoluta”. Um olhar dionisíaco para o mundo, de visão do *abjeto* que é o divino, a impossibilidade absoluta, constrói-se, desta forma, na contemplação e no atravessar-se por essa personagem eurípidiana, permeável ao divino e em relação tão íntima com ele, que é Fedra, anti-esposa, anti-amante e, por que não dizer, anti-mênade.

**15:45 – 17:15 – MESA DE COMUNICAÇÕES 16 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Profa. Dra. Isabela Fernandes Soares Leite (PUC-RJ)**

### **ALMA HOMÉRICA E ALMA TRÁGICA: UMA ANÁLISE COMPARADA SOBRE A PSYKHÉ NA ANTIGUIDADE GREGA.**

*Bacharel Bruna Moraes da Silva (UFRJ)*

Ao analisarmos as percepções acerca da morte e do pós-morte descritas nas obras de Homero e Eurípedes, nos deparamos diversas vezes com a palavra *psykhé*, traduzida, na maior parte dos casos, como alma, espírito ou vida. Porém, ao realizarmos uma análise comparada entre as características desse elemento, expostas pelos poetas, percebemos que seu significado se modifica de um gênero para o outro. Assim, nessa comunicação, buscaremos destacar as aproximações e os distanciamentos existentes em relação ao sentido dado a esse termo a partir das obras analisadas, defendendo a hipótese de que elas contêm os reflexos do pensamento social da época, nos ajudando a compreender as crenças dos antigos gregos no que compete ao fim da vida.

## **SACRÍFICIO E CATARSE: A MORTE COMO UM DRAMA POLÍTICO EM ANTÍGONA.**

*Graduando Ricardo Santos de Carvalho (Universidade Federal do Maranhão)*

Nesta comunicação, empreendemos a busca por relações entre os conceitos de sacrifício e catarse na tragédia grega, através do estudo do papel de Antígona na peça homônima de Sófocles. Para este intento, partimos da concepção do crítico literário Otto Maria Carpeaux, que afirmou que o objetivo do teatro grego era sancionar modificações de aspectos da ordem social através da reinterpretação de um mito. Como o teatro teve origem em ritos litúrgicos de cultos a Dionísio, alguns elementos característicos da experiência religiosa tomam novos significados nas encenações dos trágicos, expondo em clave mitológica as mudanças de perspectiva na experiência da ordem político-cósmico-transcendental pelo grego. Assim, um dos elementos centrais do culto religioso, o efeito purgativo do sacrifício na sociedade (seja com a imolação real de vítimas ou não) era vivenciado através da catarse.

## **MORTE E RESSURREIÇÃO NA TRAGÉDIA ALCESTE, DE EURÍPIDES.**

*Profa. Dra. Isabela Fernandes Soares Leite (PUC-RJ)*

As representações da morte nos textos de Homero evocam a idéia de que não existe qualquer possibilidade de o homem retornar à vida ou obter qualquer tipo de salvação depois de morrer. Nos poemas homéricos a alma humana é um fantasma despersonalizado que se esvanece como um sonho quando desce para o Hades. Porém, na passagem do período arcaico para o mundo clássico, no quadro dos valores morais da *pólis*, surge na cultura grega uma nova concepção de morte articulada às escatologias de salvação ou de punição individuais. O objetivo deste trabalho é analisar as representações da morte na tragédia *Alceste*, de Eurípides. Pretende-se discutir como a morte da personagem Alceste se define como uma jornada individualizada e responsável de salvação pessoal. Pois a heroína, depois de morrer, obtém a dádiva da ressurreição como recompensa por suas virtudes individuais.

## **(RE)LEITURAS DE HOMERO EM EURÍPIDES: TRADIÇÕES NARRATIVAS E RETÓRICA NA COMPOSIÇÃO DO *ETHOS* DE HELENA (HELENA, 412 A.C.).**

*Graduanda Larissa de Oliveira Soares (UFRGS)*

A representação de Helena na *Ilíada* e na *Odisséia* nos abre múltiplas interpretações acerca do caráter desta figura feminina, o que permitiu releituras diversas em textos posteriores por parte de outros antigos, como Estesícoro, Heródoto, Górgias e Eurípides. Comparando os poemas homéricos e a peça Helena (412 a. C) de Eurípides, pretendo analisar como o tragediógrafo se apropria dessas narrativas para compor a sua Helena. Inserido numa determinada época, com convenções e tradições narrativas, Eurípides foi capaz de romper com padrões e criar um estilo próprio para suas obras, bastante marcado pela preocupação com a argumentação sofisticada na fala de seus personagens como o uso de máximas; a constante ordenação dos discursos: “em primeiro lugar”, “em segundo lugar” etc.; e os *dissói lógoi*, ou seja, os aspectos contraditórios de um mesmo objeto, as antinomias. Contudo, Eurípides não foi e, como qualquer outro homem, nem poderia ser, um homem “à frente de seu tempo”. Ele se coloca justamente em uma posição que foi possível graças àquele momento de desenvolvimento da sofisticada, mas a partir do uso das mesmas estruturas das quais dispunham seus poetas antepassados, que são as narrativas tradicionais. O

objetivo maior dessa pesquisa é compreender as especificidades da Helena euripidiana através das continuidades e rupturas com a tradição homérica, tendo como principal chave de leitura do texto a análise retórica dos *ethe* discursivos.

**15:45 – 17:15 – MESA DE COMUNICAÇÕES 17 – SALA 225**

**Coord. Profa. Doutoranda Luana Neres de Sousa (UFG)**

**OPINIO NO MUNDO ANTIGO: O CASO DA DIFAMAÇÃO DE APULEIO DE MADAURA NA CIVITAS DE OEA (II SÉCULO D.C.).**

*Prof. Doutorando Belchior Monteiro Lima Neto (UFES)*

Esta comunicação tem por intenção explorar as possibilidades históricas abertas pelo conceito de *opinio* no Mundo Antigo. Pretendemos observar a existência de uma arena pública nas *civitates* romanas a partir do processo de difamação de Apuleio de Madaura na cidade de Oea. Por intermédio de sua Apologia, acreditamos que Apuleio tente reabilitar a sua *honor* e influenciar as *opiniones* da população local acerca de sua representação como filósofo e homem de cultura ilibada, além de se inocentar diante do tribunal do Proncônsul da África

**ALGUMAS NOTAS SOBRE O DESAPARECIMENTO DAS ESCOLAS SOCRÁTICAS E O SURGIMENTO DA STOÁ.**

*Prof. Doutorando Rodrigo Pinto de Brito (UFF/PUC/UERJ)*

Quando se pensa na inserção das filosofias de matriz socrática na sociedade ateniense dos séculos V e IV a.C., com seu apelo a uma vivência mais participativa nas coisas da cidade, sua disseminação pelas mais diversas classes sociais e sua infiltração nas mais variadas mentes, há que se estranhar o seu desaparecimento progressivo no fim do séc. IV e ao longo do séc. III a.C. Tradicional e fragilmente, tem-se apontado causas para este ocaso, sendo a falta de estrutura das escolas e a nova dinâmica social surgida quando do imperialismo macedônico as duas mais importantes. Assim sendo, nosso objetivo é desconstruir essa pseudo-causalidade histórica, ventilando a hipótese de que o Estoicismo é quem veio, de fato, a suplantando o socratismo, dada a sistematização escolar (anômala, do ponto de vista socrático) do platonismo e do aristotelismo, sob as formas da Academia e do Liceu, respectivamente, seguindo, sim, um modelo pitagórico.

**E “ASSIM COMEÇOU A FILOSOFIA COM OS HELENOS”... LEITURAS DE DIÓGENES LAÉRCIO.**

*Prof. Dr. Rodrigo Siqueira-Batista (Universidade Federal de Viçosa)*

*Prof. Dr. Romulo Siqueira Batista (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro)*

A Filosofia nasceu com os gregos. Tal afirmativa – aparentemente corriqueira no âmbito da cultura ocidental contemporânea – alberga em si uma série de questões, destacando-se, sobretudo, aquelas atinentes ao significado dos termos *filosofia* e *nascimento*, bem como às circunstâncias – históricas – da referida parturição. Os debates sobre o contexto histórico implicam em díspares perspectivas: (1) a possibilidade de uma origem *alienígena* da filosofia – na medida em que a mesma teria sido *importada* de outras culturas –, (2) a proposição do pensamento filosófico como um saber grego *autóctone* (quicá miraculoso, como na tese do *milagre grego*) – e (3) uma

composição entre (1) e (2), articulando elementos alienígenas e autóctones. O desenvolvimento do problema passa pela consulta às fontes antigas que versem sobre as origens da filosofia grega. Com efeito, a obra *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* de Diógenes Laércio traz significativas considerações acerca do alvorecer do pensamento filosófico – mormente no *Proêmio* do Livro I – as quais serão preliminarmente pontuadas na presente comunicação.

### **UMA ANÁLISE SOBRE OS PERSONAGENS DO SYMPOSION DE XENOFONTE.**

*Profa. Doutoranda Luana Neres de Sousa (UFG)*

Pretendemos nessa comunicação analisar o perfil dos personagens eleitos por Xenofonte para compor o diálogo *Symposion*, escrito aproximadamente em 380 a.C. Objetivamos compreender os motivos que teriam levado Xenofonte a ambientar seu diálogo na casa de Cálías, uma vez que o anfitrião do jantar e o jovem homenageado aparecem em obras de outros autores, dentre eles o filósofo Platão e o orador Andócides, como pessoas com comportamentos inadequados perante os valores morais da sociedade ateniense do século V a.C.

### **OIKONOMIA, OU O SÓCRATES ENDIVIDADO**

*Prof. Doutorando José Eduardo Pimentel Filho (UFRJ)*

Na peça *As Nuvens* de Aristófanes, o protagonista, Estrepsíades, procura o personagem de Sócrates para que este o ensine como lidar com suas dívidas (contraídas por seu filho pródigo). Não, Sócrates não o ensinaria o que hoje chamamos de educação fiscal, não lhe passaria técnicas administrativas, ou qualquer técnica do gênero. O papel de Sócrates aí seria o de ensinar a Estrepsíades como convencer seus devedores da inexistência da dívida, da inviabilidade ontológica do pagamento, etc. Vemos assim, nesta peça, um jogo onde a pertinência estaria mais na retórica/sofística do que na economia propriamente. Mas mesmo assim, essa perspectiva aristofânica poderia passar despercebida pela filosofia se não fosse um exótico *approach* que ela possibilita. Lembremos que no *Fédon*, de Platão, Sócrates após tomar a cicuta, encerra sua vida com a seguinte frase: “Oh Críton, devo um galo a Asclépio; não te esqueças de pagar essa dívida!”. Para além da comicidade desta declaração (sobretudo por ficar registrada como “a última frase de Sócrates”), ela deve ser vista com um interesse legitimamente filosófico. Tal enunciado é o reflexo de uma postura tipicamente socrática. Ainda no *Fédon* vemos Sócrates dizer que é preferível morrer do que estar vivo, pois assim nos livramos dos vícios do corpo; no início da *República* vemos Sócrates elogiando a velhice, pois nela nos livramos dos vícios da juventude (tese que já se insinua no *Banquete*). Essa postura de elogiar o oposto do que se é vulgarmente desejado reapareceria na fala do Sócrates. Frente ao dinheiro, parece que podemos mais uma vez encontrar tal postura; o dinheiro, Platão o diz em muitos momentos, é uma perfídia, uma tentação para a alma e para o verdadeiro valor (que só seria encontrado no saber). Assim, se o dinheiro é a tentação, vemos que esse Sócrates, que tem dívidas e que ensina a ser endividado (de Platão e de Aristófanes), estaria expandindo sua postura para propor uma forma alternativa de se relacionar com o dinheiro, uma economia especificamente. Xenofonte, última parte do eixo sobre o qual nos apoiamos – Aristófanes, Platão e Xenofonte – teria mesmo escrito um livro chamado *Oikonomikos*, no qual Sócrates indicaria os principais pontos desta sua economia. E o que é digno de atenção é que lá, no livro de Xenofonte, Sócrates chega mesmo a afirmar que “se não sabemos utilizar o dinheiro, é melhor descartá-lo para o mais longe possível, para que não o confundamos com um bem”. Deste modo, propomos esta outra economia, socrática, que basear-se-ia numa forma diferente e mesmo radical de lidar com o dinheiro.

**18:00 – 20:30 – SALÃO NOBRE**

**Conferência 03**

**MITO E HISTORIA EN PÍNDARO, NEMEA VIII**

*Profa. Dra. Ana Maria Gonzalez de Tobia (UNLP)*

Resulta importante considerar qué relaciones han mantenido los griegos "ciudadanos" por excelencia, con su propio pasado, con su historia. El epinicio, en general, resulta una forma lírica donde el mito encuentra su valor "performativo" y, a la vez, configura el tiempo histórico. En la Nemea VIII, Píndaro conjuga tres dimensiones temporales: presente, de la hazaña atlética; pasado, de la genealogía de vencedor y futuro, de la voz del poeta que inmortaliza las acciones que canta. El vencedor es Dinias de Egina, hijo de Megas. Los mitos incluidos en el epinicio son, en primer lugar, el de Éaco, que actúa como mito genealógico fundacional, vinculado con el vencedor y su ciudad; en segundo lugar, el mito de Áyax y Odiseo respecto de juicio por las armas de Aquiles y, finalmente, una mención mítica a Adrasto y los Cadmeos. Se produce una situación mitohistórica y la victoria del hijo de Megas. Píndaro inscribe su poema en el espacio sin límites de la repercusión comunitaria.

**Conferência 04**

**MEDEIA: A FORÇA E O PODER DA NARRATIVA MÍTICA**

*Profa. Dra. Maria Regina Candido (NEA/UERJ)*

Partimos do princípio que o homem se utiliza de diferentes meios para expressar a sua criatividade, competência e entre essas habilidades está a capacidade de produzir formas de narrativas. O estudo de enunciado da narrativa tem sido tema de debates e discussões de T. Todorov (*Estruturas e Narrativas*) e Genette (*Discurso e Narrativa*), ambos deixam transparecer que vivemos rodeados pelas palavras que descrevem ações que podem ser encontradas nos mitos, nos contos, no romance, na pintura, no cinema e na literatura. Seleccionamos para análise a narrativa mítica de Medeia ao qual definimos como representação de um acontecimento do passado apreendido segundo um ponto de vista do poeta Eurípides inserido na sociedade dos atenienses do período clássico.



**QUARTA FEIRA – DIA 26 DE SETEMBRO DE 2012****09:00 – 12:30 – SALÃO NOBRE****Conferência 05****HISTÓRIA E NARRATIVAS: A PROPÓSITO DA OBRA DE APULEIO DE MADAURA.  
ANÁLISE DE TRÊS RELATOS CONSTANTES EM O ASNO DE OURO***Profa. Dra. Sônia Regina Rebel de Araújo (GHT / PPGH-UFF)*

Nesta oportunidade, gostaria de analisar o papel de algumas narrativas no interior do romance de aventuras *Metamorfoses* ou *O Anjo de Ouro*: a referente ao cavalo de Lúcio; o conto de Telifrão; o “romance grego” de Caridade e Tlepólemo. Nosso interesse reside em demonstrar a importância da metáfora escravista pra explicar esta obra fascinante, em outras palavras, que as narrativas envolvendo animais metaforizam a vidas dos escravos no mundo romano, como exemplifica a narrativa sobre o cavalo branco de Lúcio, o herói deste romance. O conto de Telifrão é relevante para exemplificar o pensamento apuleiano sobre magia e metamorfoses de homens em animais. Por último, o romance de Caridade e Tlepólemo é exemplar das desventuras que poderiam ocorrer aos cidadãos que caíam em escravidão, mas também das similitudes entre a situação de Caridade e de Lúcio-asno, onde a metáfora escravista é muito clara e importante para o entendimento deste relato.

**Conferência 06****CÍCERO E A NARRATIVA DA HISTÓRIA***Prof. Dr. Anderson de Araújo Martins Esteves (PPGLC-UFRJ)*

A época clássica da literatura romana, que vai de finais do século II AEC ao início do século I EC, é marcada pela utilização dos modelos gregos dos diversos gêneros literários e pela tentativa de superá-los – um imperativo resumido pelos conceitos de *imitatio* (imitação) e *aemulatio* (emulação). Cícero, figura central do classicismo, foi o primeiro responsável pela enunciação teórica do gênero historiográfico em Roma. Admitindo, por um lado, a indigência da história analítica que se produzira em Roma e, por outro, a superioridade literária dos historiadores gregos, Cícero propugna por uma *historia ornata* (história embelezada), em que a exposição das *res gestae* (fatos ocorridos) obedeça às regras da retórica. Assim, diferentemente da historiografia romana praticada até a sua época, o novo gênero proposto por Cícero deve obedecer a uma verdade retoricamente entendida, que permite ao historiador certa distância da verdade fática para enfatizar o *argumentum*. Procuramos, por meio da discussão de excertos de *Brutus*, *De Oratore*, *De Inventione* e *De Legibus*, compreender a extensão do conceito de *historia ornata* e, a partir daí, estabelecer as relações entre a narrativa histórica e a narrativa ficcional na literatura romana.

**Conferência 07****JESUS NO CINEMA MUDO. UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO.***Prof. Dr. André Leonardo Chevitaress (IH / UFRJ)*

Como forma de superar olhares simplistas sobre os filmes, Marc Ferro argumenta que eles devem ser vistos como documentos que precisam ser analisados pelos rigores da pesquisa histórica. Se



este seu argumento ainda não foi capaz de reverter à constatação de que o cinema recebe ainda um melhor tratamento e diálogo nas demais ciências sociais do que propriamente na História, ele tem sido responsável por encorajar alguns poucos historiadores a oferecer disciplinas nos seus respectivos Departamentos e Institutos de História. Não vai aqui nenhum tipo de profecia, mas, pode-se admitir, que em pouco tempo esses historiadores deixarão de ser contados nos dedos de uma das mãos, já que este objeto tem despertado enorme interesse entre os discentes.

## **14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 18 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Profa. Dra. Maria do Carmo Parente Santos (UERJ)**

### **POLÍTICA E RELIGIÃO NA HISTÓRIA APOLOGÉTICA**

*Profa. Dra. Maria do Carmo Parente Santos (UERJ)*

O século V foi sem dúvida, um momento de graves convulsões políticas que aliadas a crise econômica e social intermitentes levou a desestruturação do Império Romano do Ocidente. Uma das fontes mais importantes para o estudo deste período é a *História Apologética*, a qual foi escrita por Paulo Orósio, nascido em *Bracara Augusta*, cidade principal da Galícia. Coetâneo de muitos acontecimentos narrados por ele, suas obras constituem-se em documentos valiosos para os pesquisadores que desejam compreender o impacto causado por estes na mentalidade da população do império, num contexto em que todas as estruturas constituintes da identidade romana pareciam condenadas ao desaparecimento.

### **ARISTÓTELES E POLÍBIOS: UMA ANÁLISE COMPARADA DA CONSTITUIÇÃO DE CARTAGO – SÉCULOS IV E II A.C.**

*Prof. Mestrando Fabrício Nascimento de Moura (UFRJ)*

Nesta comunicação, pretendemos analisar comparativamente as perspectivas do filósofo grego Aristóteles e do historiador grego radicado em Roma, Políbio, acerca da Constituição política cartaginesa. Cartago, cidade-Estado de origem fenícia localizada na região norte do continente africano, notabilizou-se ao longo de sua história por sua rivalidade comercial e por seus embates bélicos contra romanos e gregos, sobretudo entre os séculos VI e II a.C.

### **UMA HISTÓRIA DA GUERRA - ANÍBAL E A MARCHA CONTRA ROMA - ANÁLISE DOS COMBATES**

*Graduando Adhemar Corrêa Neto (Universidade Federal do Maranhão - UFMA)*

A presente pesquisa tem como objetivo fazer uma breve análise acerca dos feitos militares de Aníbal Barca importante general cartaginês que viveu entre 247 a 183 a.C destacou-se pela sua qualidade como estrategista militar durante a Segunda Guerra Púnica, entre Roma e Cartago, para tanto serão analisadas estratégias militares e os equipamentos utilizados por Aníbal e seu exército usaremos como fonte Tito Lívio e Políbio e como suporte teórico John Keegan.

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 19 – SALA 225**

**Profa. Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante (IH – UFRJ)**

### **O DIÁLOGO ENTRE O PALÁCIO UNIVERSITÁRIO E A ANTIGUIDADE CLÁSSICA**

*Estudante Júlia Rodrigues Mendes (CAp. / UFRJ)*

*Estudante Giovanna Creador da Cunha (CAp / UFRJ)*

Esta comunicação faz parte do Projeto "Educação Patrimonial e Cultura Material da Antiguidade Clássica", desenvolvido pelo Laboratório de História Antiga em parceria com o Colégio de Aplicação, ambos da UFRJ. Uma das vertentes deste Projeto tem como objeto o patrimônio edificado da UFRJ em estilo arquitetônico neoclássico. No presente momento, com participação de bolsistas PIBIC de Graduação e Ensino Médio, estamos trabalhando com o Palácio Universitário, situado no "Campus" da Praia Vermelha. Este prédio, construído entre 1842 e 1852, fez uma releitura da Antiguidade Clássica no espaço urbano carioca do século XIX, inserindo-se assim no denominado estilo neoclássico. Apresentaremos aqui os objetivos, a metodologia, as etapas realizadas e os resultados até agora alcançados.

### **OFICINA PEDAGÓGICA “O ÚLTIMO CONVIDADO”: UMA ABORDAGEM DO COTIDIANO NA GRÉCIA ANTIGA**

*Graduanda Danielle Sant'Ana de Albuquerque Oliveira (LHIA / IH / UFRJ)*

*Graduanda Ana Clara Marques Lins*

O cotidiano é um tema que, no campo da historiografia, vem sendo cada vez mais debatido. Tradicionalmente, os livros didáticos reproduzem uma divisão entre a “História” e o “cotidiano”: a “História” abrangeria os grandes chefes de Estado, as suas decisões, os assuntos considerados como mais relevantes e, por sua vez, o “cotidiano” trataria de ações sem “efeito transformador”, enfatizando o caráter pitoresco. Nesta perspectiva, o cotidiano torna-se um espaço da curiosidade, ou melhor, daquilo que seria considerado parte da “insignificância banal do homem corriqueiro”. Como se vestiam? O que comiam em suas refeições? Como eram seus penteados? Como se divertiam? Todas são perguntas que, segundo esta visão, deveriam fazer parte não da História, mas da “vida cotidiana”. Ao trabalhar o cotidiano na Oficina Pedagógica “O último convidado”, teve-se como premissa que todos os aspectos da vida comum também fazem parte do estudo da História. Essa Oficina, vinculada ao Programa Prodocência da CAPES, foi desenvolvida ao longo do segundo semestre de 2011 com a participação de licenciandos de História e foi aplicada em fevereiro de 2012 aos alunos do 7º ano do CAp. da UFRJ. Partiu-se do drama como método de ensino e foram selecionados dois eixos temáticos: relações familiares e relações sociais. A oficina trouxe esses temas através de uma teatralização interativa: os alunos foram convidados a serem “atores” e não apenas meros espectadores. Eles participaram de um simpósio na Grécia Antiga e da sua organização. Entraram no cotidiano de uma família, podendo vivenciar relações familiares, já que a peça trouxe um conflito: a filha se vestia de homem para entrar no *andron* onde ocorria o simpósio; neste espaço, as únicas mulheres permitidas eram *hetairas* (cortesãs) e escravas. Também puderam entender as questões sociais através da relação entre senhores e escravos. Além do mais, os alunos, como personagens, participaram das decisões no interior da casa, a partir da condução dos licenciandos. A Oficina Pedagógica possibilitou aos alunos conhecerem mais sobre a antiga sociedade grega servindo como zona de contato entre sujeitos que estavam separados no tempo e no espaço.

**A RELEVÂNCIA DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INOVADORA NO ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DR. DJALMA DA CUNHA BATISTA**

*Profa. Mestre Maria Rosinéia da Silva Frota (Escola de Ensino Médio Dr. Djalma da Cunha Batista)*

A pesquisa ora apresentada objetivava verificar a prática dos docentes do ensino de História da Escola Dr. Djalma da Cunha Batista. A pesquisa versa sobre as potencialidades de uma metodologia inovadora na docência do ensino de História, buscando fundamentação para tal problematização em autores como: Vera Candal, Libâneo, Demerval Saviane e outros. O tipo de pesquisa é caracterizada como descritiva e a abordagem foi quantitativa, fazendo uso de questionário e analisando os dados através de tabulação e gráfico estatístico. Foi verificado que os docentes que atuam na referida instituição de ensino fazem uso de uma metodologia inovadora e diferenciada e não apenas voltada para transposição didática; eles trabalham com projetos didáticos pensados, elaborados e executados junto à comunidade estudantil, os quais buscam retratar na prática os conteúdos propostos no plano de curso da disciplina. Realizam com isso uma associação e interação entre teoria e prática no tocante aos conteúdos, favorecendo de forma positiva a assimilação de conteúdos e uma aprendizagem pautada em bons resultados. Os dados estatísticos de rendimento escolar demonstram que a disciplina de história não se enquadra no quadro de disciplinas em nível crítico de aprendizagem, ou seja, com nível elevado de reprovação ou discentes com média abaixo do padrão de qualidade exigido, fato que demonstra que a metodologia aplicada pelos docentes da instituição do ensino de história em sua prática docente é adequada. Também foi demonstrado mediante dados coletados junto a equipe gestora, administrativa, pedagógica e discentes que os referidos docentes possuem responsabilidade e bom desempenho no exercício de suas funções profissionais. Sendo assim, a hipótese levantada previamente ao se elaborar projeto de pesquisa foi confirmada e afirma-se como positiva, ou seja, o uso de uma metodologia inovadora na prática docente do ensino de história é fundamental no resultado final da aprendizagem, exercendo influência relevante e significativa na prática docente.

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 20 – SALA 227**

**Coord. Janice Correa Justo(IC/UNIRIO)**

**ETNOGRAFIA E TRADIÇÃO: CONSTRUINDO ESPAÇOS COGNITIVOS PARA O MUNDO EGÍPCIO EM HERÓDOTO E AMIANO MARCELINO**

*Livia Gomes Borges (IC/UNIRIO)*

Este projeto de iniciação científica visa uma nova abordagem comparativa no estudo da etnografia antiga através do estudo dos relatos de Heródoto e Amiano Marcelino no que diz respeito ao Egito – seus aspectos e características – e como os dois autores fixam imagens e conceitos sobre a região, sua população, e sua história. A questão primordial a ser compreendida ainda, é como são percebidas as mudanças e permanências no mundo egípcio como espaço representado nos textos antigos. Dessa forma, Heródoto, no século V a.C., e Amiano Marcelino, no século IV d.C., servem de pontos de apoio; relatos extremos na percepção greco-romana do mundo egípcio. Pretendemos estudar esse espaço através do ponto de vista cognitivo de ambos; já que os mapas mentais produzidos por eles podem demonstrar, assim, o que é relevante para cada um em sua determinada época.

## **A HISTORIOGRAFIA EM TORNO DA GEOGRAFIA COGNITIVA EM AMIANO MARCELINO.**

*Janice Correa Justo (IC/UNIRIO)*

Dentro dos estudos sobre representação dos espaços no mundo antigo, encontramos duas visões divergentes. Para alguns autores, como Oswald Dilke, os antigos visualizariam e fariam mapas, por exemplo, da mesma maneira que fazemos hoje. Já autores como Pietro Janni e Richard Talbert, acreditam que uma série de elementos e fatos impede essa proximidade de "ponto de vista", como a deficiência tecnológica. Junto a isso propomos a utilização de conceitos da geografia cognitiva, em especial o conceito de mapa mental para tentar explicar como os antigos percebiam e representavam o mundo físico à sua volta. Esta pesquisa foca a representação e a percepção subjetiva do espaço dentro da obra de Amiano Marcelino, cuja narrativa descritiva possibilita identificar os itinerários utilizados pelos romanos no século IV d.C. Amiano é particularmente importante para essa questão, pois em seu texto as descrições etnográficas e os itinerários são proeminentes, isso reflete a descentralização do Império Romano no período e a importância dos personagens individuais, em especial os imperadores, na dinâmica política do período.

## **UM EXEMPLO DA PERCEPÇÃO DO ESPAÇO NO MUNDO ROMANO: OS ITINERÁRIOS PRESENTES NA NARRATIVA DE AMIANO MARCELINO.**

*Cynthia Alves de Oliveira (IC/UNIRIO)*

A *História Romana* de Amiano Marcelino é centrada na ação dos personagens - especialmente dos imperadores - que estão sempre se movimentando pelo Império. Essa constante movimentação descrita na narrativa de Amiano permite identificar os itinerários utilizados pelos personagens; em muitos casos, a descrição desses itinerários possibilita apreender não só o espaço físico como também pode ser utilizada como ferramenta para a caracterização dos personagens envolvidos na ação. Esta comunicação pretende esmiuçar tais relações retóricas no texto de Amiano Marcelino através da análise de algumas passagens dos livros XIV a XVI, que são marcados pelas rivalidades entre os imperadores Juliano e Constâncio II.

## **A PÓLIS TIRÂNICA: UM CONTRAPONTO ENTRE GREGOS E BÁRBAROS**

*Prof. Doutorando Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes (UFRJ)*

Entre as formas de governo apresentadas pelos gregos, a tirania aparece como um problema. Entre elogios e ofensas, o governo tirânico sempre beirou entre os extremos morais da virtude humana. Através do estudo do debate persa apresentado por Heródoto em suas *Histórias* (III.80-82), pretendemos melhor analisar a origem deste tipo de governo. O primeiro registro que temos da palavra *tiranía* é de Arquíloco, poeta que viveu no séc. VII a.C., que ao se utilizar do termo faz uma direta referência ao governante lídio Gyges. Isso, se acrescido do fator etimológico que comprova sua origem não grega, faz da tirania um governo bárbaro por princípio. Ao fim iremos acrescentar a visão de Platão para este tipo de governo em oposição aos demais tipos por ele apresentados no Livro VIII da *República* e, assim, caracterizar a diferença existente na maneira própria de governar dos bárbaros em contraposição a dos gregos.

**15:45 – 17:15 – MESA DE COMUNICAÇÕES 21 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Profa. Dra. Marta Mega de Andrade (IH – PPGHIS – UFRJ)**

**KOINÔNIA E ESPACIALIZAÇÃO DA POLIS NA POLÍTICA.**

*Prof. Mestrando Daniel Teixeira Taveira (IH – PPGHIS – UFRJ)*

Nesta comunicação, analisaremos os dois primeiros livros da obra de Aristóteles denominada *A Política*. Tentaremos traçar um diferente viés interpretativo da obra sem seguir a tradição historiográfica que coloca ênfase na ligação direta entre política e elementos como diferenças de status, virtudes, relações de mando e obediência e etc. Nossa tentativa será trabalhar pormenorizadamente um termo que parece não receber a devida atenção, sendo ele: *koinônia*. De forma sucinta podemos apontar que tal termo aparece na obra de Aristóteles associado a determinados espaços, ou seja, para o autor a estrutura básica da teoria política se fundamenta na *koinônia* (traduzido geralmente por comunidade, parceria). No entanto, esse termo não é apresentado nem trabalhado em sua forma ideal ou abstrata e sim sempre vinculado a uma gestão de espaços e lugares por determinados habitantes das polis. Portanto, nosso objetivo nesta comunicação é tentar evidenciar a ligação entre *koinônia* e espacialização como elementos fundantes de uma percepção política grega.

**O ESPAÇO CONSTITUINTE: INTERRELAÇÕES ENTRE A PÓLIS E A CIDADANIA ATENIENSE.**

*Prof. Mestrando Rui da Cruz Silva Junior (IH – PPGHIS – UFRJ)*

Nesta comunicação, realizaremos uma rápida revisão crítica sobre a formulação do conceito de cidadania dentro da historiografia e do conceito de polis dentro do campo da arqueologia, ressaltando o silêncio dos estudos sobre a relação entre espaço físico *políade* e a categoria de cidadão. Este silêncio beira a aceitação de uma não-relação entre espaço e cidadania e é este ponto que pretendemos atacar discutindo as inter-relações possíveis entre cidadania e espaço físico da polis a partir de elementos arqueológicos e leituras críticas de Tucídides e Aristófanes. Pensamos a integração entre espaço e cidadania: não apenas impressão da cidadania no espaço, mas a possibilidade de ser o espaço meio para a constituição do estatuto de cidadão.

**ESPAÇO E NARRATIVAS MÍTICAS NOS DIÁLOGOS DE PLATÃO.**

*Prof. Mestrando Bruno Rodrigo Couto Lemos (IH – PPGHIS – UFRJ)*

Voltada para a questão da circulação do mito no contexto do Período Clássico ateniense, esta comunicação visa colocar algumas questões referentes à presença peculiar das narrativas míticas nos diálogos de Platão. A partir da leitura de algumas destas obras, as questões que pretendemos suscitar se referem menos ao que querem dizer estas narrativas, em um possível contexto de embates discursivos, do que o que estas “fazem” na medida em que são usadas e inseridas nestes diálogos. Neste sentido, não são tanto as assertivas filosófica entorno da questão do mito que nos interessam, mas as sobras do discurso, necessárias a sua contextualização, ambientação e localização; indícios que nos possibilitarão pensar os espaços e meios de circulação destas narrativas.



## **ESPAÇO, EXPOSIÇÃO E DIFERENÇA: AS MULHERES E A PÓLIS.**

*Profa. Dra. Marta Mega de Andrade (IH – PPGHIS – UFRJ)*

Esta comunicação visa colocar em questão, primeiro, o uso de um vocabulário espacial para compreender e propor divisões baseadas nas distinções entre masculino e feminino pelos diversos textos/ imagens da Atenas Clássica. Essa questão incidirá particularmente sobre o problema dos espaços funerários nas práticas de exposição feminina que eles suscitam, em contraste com ideais normativos que ligam as mulheres aos espaços de “desaparição” e silêncio. Interessa estabelecer alguns parâmetros para se pensar a correlação possível entre espaço, exposição, publicização e ação política, quando o sujeito dessa ação não é o homem livre cidadão, mas, antes, as mulheres, de forma individual ou coletiva.

**15:45 – 17:15 – MESA DE COMUNICAÇÕES 22 – SALA 225**

**Coord. Profa. Mestre Gisele Oliveira Ayres Barbosa (UGB)**

## **NUMÍSMÁTICA E POLÍTICA ROMANA REPUBLICANA: A MOEDA COMO NARRATIVA.**

*Profa. Mestre Gisele Oliveira Ayres Barbosa (UGB Centro Universitário Geraldo di Biasi)*

Considerando-se que a grande parte dos documentos escritos produzidos pelas civilizações antigas era oriunda da elite, a utilização das imagens como “fontes históricas”, acentuada nas últimas décadas, abriu novas possibilidades de análise para os estudiosos destas sociedades. O presente trabalho tem como proposta a utilização de uma destas fontes de cultura material como elemento para o estudo da política romana republicana, mais especificamente um denário de prata datado de 126 a.C. Trata-se da mais antiga evidência numismática que possuímos associando a mudança do sistema de votação à liberdade popular, lembrando que cerca de uma década antes o voto escrito e secreto havia começado a substituir o antigo voto oral e aberto nos Comícios romanos.

## **A REPRESENTAÇÃO PELO REPRESENTADO: A VISÃO DE MARCO ANTÔNIO EM TRÊS MOEDAS.**

*Profa. Mestranda Camilla Ferreira Paulino da Silva (UFES)*

No momento final da República, o confronto entre Otávio, futuro Augusto, e Marco Antônio foi o mais marcante, já que com a vitória do primeiro em Ácio (31 a.C.) o seu estabelecimento como *princeps inter pares* foi um marco na história romana. Nessa comunicação, apresentaremos três moedas nas quais Marco Antônio é representado, procurando resgatar os modos como ele quis ser visto perante a sociedade romana, procurando diferenciá-lo da forma como ele foi retratado pelos poetas augustanos e mesmo pelos filmes e séries sobre História de Roma.

## **A UTILIZAÇÃO DE MONUMENTOS COMO FONTE DOCUMENTAL: O CASO DE NORFOLK NA IDADE DO BRONZE.**

*Graduanda Ana Carolina Moliterno Lopes de Oliveira (UFF/ PIBIC-CNPQ /NEREIDA)*

Ao tratarmos de sociedades ágrafas, os vestígios arqueológicos por elas deixados constituem nossa fonte central de pesquisa. Por isso, é crucial o entendimento das relações entre pessoas, estruturas e ambiente, fazendo-se imperativo o estudo da monumentalização, que consiste em observar a articulação entre a criação e construção do monumento e a modificação da paisagem. Na observação e análise dessas relações, temos que atribuições simbólicas ganham relevância, possibilitando alcançarmos a cultura de uma época e sua expressão na construção do monumento. Nas sociedades protohistóricas européias, a construção de monumentos se dava a partir da atuação coletiva, tendo por base a tradição de conhecimento, que era compartilhado pela comunidade. Assim, os monumentos constituíam uma forma de produção da memória e, por conseguinte, da identidade comunal. Neste sentido, o presente trabalho tem o objetivo de analisar a monumentalização da paisagem e sua relevância para a criação de uma memória coletiva na paisagem de Norfolk, região leste da Inglaterra, no período da Idade do Bronze Inicial, tendo como exemplo a construção do monumento conhecido como Seahenge (2049 a.C). Além disso, a presente comunicação pretende demonstrar a importância da arqueologia para os estudos da antiguidade através de abordagens oferecidas pela arqueologia da paisagem e os estudos recentes sobre monumentalização. Para tanto, torna-se necessária a conjugação de dados paleoambientais, geográficos e métodos de análise espacial aos achados arqueológicos, tornando, portanto, possível a leitura dos monumentos como se textos fossem, permitindo aos pesquisadores alcance ao âmbito sócio-cultural das populações do passado.

## **ARQUEOLOGIA CONTEXTUAL E ESTUDOS PÓS-COLONIAIS: SACRIFÍCIOS HUMANOS GÁLATAS.**

*Profa. Mestranda Bianca Miranda Cardoso (UFF)*

É inegável o quão profícua é a análise de questões históricas de forma interdisciplinar, em especial para o caso dos estudos de populações celtas já que a documentação literária relativa a estas populações é muitas vezes altamente parcial, temporalmente posterior ou inexistente. Sendo assim, recorre-se com frequência ao estudo da cultura material para análise histórica de diversas questões relativas a essas populações. Para tal, foi de extrema importância a contribuição do trabalho de Ian Hodder para a arqueologia nos anos 80, que promoveu um amadurecimento teórico e metodológico da disciplina no que diz respeito à importância da explicação do contexto do objeto. Atualmente novas contribuições para a disciplina são originadas a partir do diálogo com os estudos pós-coloniais. Embora objeto de críticas por vezes bem fundadas, somente a partir deles é possível relativizar dicotomias anteriormente dominantes nos trabalhos de interação cultural, como “invasores e invadidos”, e atingir um terceiro espaço híbrido no qual não é possível distinguir onde um começa e outro termina. A proposta deste trabalho é apresentar os resultados ainda parciais de uma pesquisa em curso sobre as mudanças na utilização de um terreno localizado no platô central da Península da Anatólia, hoje Turquia, terreno este que explorado como sítio arqueológico de Górdion apresenta dezenove esqueletos datados, segundo análise mortuária, de fins do século III ao II AEC Este período, helenístico tardio, é o momento de assentamento de três tribos celtas. Em contraste, no período romano, entre o I e o III século EC, são encontrados vinte e seis indivíduos que são tratados de forma diferente. As mudanças na utilização do terreno ao longo do tempo parecem indicar transformações rituais e culturais dessas sociedades que de forma alguma podem ser dissociadas do processo de helenização e do crescimento do Império Romano.

**18:00 – 19:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 23 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Profa. Doutoranda Maria Elizabeth Bueno de Godoy (FFLCH/USP)**

### **NARRATIVAS DE TEMPO E POLÍTICA NA ESCRITA ANTIGA MAIA**

*Graduando Thiago José Bezerra Cavalcanti (UFF)*

A escrita hieroglífica maia, cuja origem remonta à metade do primeiro milênio AEC, é um dos principais traços culturais que definem a sociedade maia antiga ou clássica. Inúmeros textos deste período resistem até os dias de hoje, consistindo em documentos etnohistóricos talhados e pintados em diferentes superfícies. Tais textos podem falar de guerras e eventos políticos, sociais e rituais, dentre outros, que servem para a compreensão da visão de mundo dos maias clássicos. Nosso objetivo nesta comunicação é compreender a relação entre passado, presente e futuro a partir dos antigos textos maias, tendo em vista que estes frequentemente trazem menções a datas futuras e principalmente a datas passadas como uma maneira de contextualização histórica e política.

### **A SYGGRAPHÉ TUCIDIDEANA ENTRE O MITO E A HISTÓRIA**

*Profa. Doutoranda Maria Elizabeth Bueno de Godoy (FFLCH/USP)*

“Os pais, ou fundadores da História eram gregos, mesmo que algumas das grandes mentes da antiguidade não se deixassem impressionar pela *história*”, afirma-o Moses I. Finley na abertura de sua obra *Myth, Memory and History* e reverencia como autoridade neste sentido, Aristóteles: assim determinadas, a história narra as ações dos homens em sendo fatos, acontecimentos singulares efetivos; enquanto a poesia narra as ações dos homens em sendo virtualidades condicionais, vislumbres de possibilidades humanas do acontecer. Para alguns, no entanto, “é na primeira página da obra de Tucídides que se dá o início da *verdadeira* história”. Tucídides ordena sua narração pelo primado cognitivo da *verdade dos fatos*, “apreendida graças à *acribia* de excelência ajuizante por historiador que se fundamenta pela *autópsia* fenomênica porque se *presenciam* e observam os acontecimentos”. A memorização das ações humanas ganha então *clarividência* pela narração de uma *história*, cristalizada como *saber*. Não obstante, se ancorada na escrita – do verbo *xyggraphó*, compor por escrito – a *syggraphé* tucidideana ultrapassava os estritos instantes de uma apresentação pública para ganhar estatuto de *ktema*: “Tucídides de Atenas compôs por escrito a guerra dos peloponésios e atenienses como eles combateram uns contra os outros”. Por um longo tempo, do século XIX a meados do XX, projetou-se uma imagem de Tucídides em que sua obra era apreciada como paradigma da escrita da história. Nesta a comunidade acadêmica identificava os princípios da historiografia científica. Dentre parâmetros como o princípio da verdade histórica, a ordem cronológica de eventos e a capacidade crítica estruturada em um método científico repousavam alguns dos quais tornavam Tucídides um “historiador moderno e científico”. Contudo, em 1907 uma voz soou altamente dissonante em meio à sinfonia do coro “positivista”, especialmente zelosa da cientificidade tucidideana: *Thucydides Mythistoricus*, assim Francis Macdonald Cornford intitulou sua obra. Título certamente provocativo, pois o que Tucídides cuidara, decidido por dissociar história e mito – dela (história), o extirpando (mito) – Cornford agora nele fazia conjugar, assim refundidos os dois termos, mito e história. Inaugura sua obra com a apologia ao epíteto dado ao historiador ateniense, reconhecendo na expressão o tom de desafio, ou mesmo, paradoxo. Paradoxo este estabelecido entre “mito” e “história”, já que o próprio Tucídides cuidara, ao apresentar sua obra, declarar seu afastamento do τ μυθ δεξ, o ornamento típico da poesia, o maravilhoso. Mas, mesmo reconhecendo a dificuldade na leitura da *História*, Cornford a atribui o elogio artístico. Ora, se

justo esta forma narrativa se opõe à exposição objetiva dos fatos, como conceber tal possibilidade na narrativa histórica de Tucídides? E por que a poesia para este fim?

**18:00 – 20:00 – MESA DE COMUNICAÇÕES 24 – SALA 225**

**Coord. Prof. Mestrando Rodrigo Santos Monteiro Oliveira (UFG)**

**ENTRE CONFLITOS E HARMONIAS: UM ENTENDIMENTO DO PERÍODO  
AUGUSTANO A PARTIR DA OBRA *ASTROLOGIA* DE MARCO MANÍLIO (SÉCULO I)**  
*Mestrando Rodrigo Santos Monteiro Oliveira (UFG)*

Este trabalho visa entender a organização da sociedade romana do I século d.C., especificamente o que encararemos pela denominação de período augustano, a partir da obra *Astrologia*, de Marco Manílio. Escolhemos tal obra, pois além desta ser um tanto quanto diferente e não muito conhecida, a organização do Universo, de acordo com Manílio, era harmônica ao ponto que os acontecimentos celestes – relação entre os astros e suas posições – influenciavam diretamente na vida humana. Este período marcado por uma transição da República para, como nós historiadores denominamos, o Principado é de extrema importância para o entendimento de modelos e modos governamentais que se perpetuaram por um longo tempo em Roma. Dessa forma, a obra de Manílio é mais uma possibilidade de entendermos e nos aproximarmos de tal momento.

**O TRATADO DE ARQUITETURA DE VITRÚVIO, SÉCULO I A.C. E A CONSTRUÇÃO  
DE TEMPLOS SOB O GOVERNO DE OTÁVIO AUGUSTO**

*Mestrando Macsuelber de Cássio Barros da Cunha (UFG)*

A religião é um aspecto de extrema importância nos estudos referentes à Antiguidade, pois através dela os indivíduos se posicionavam na sociedade e estabeleciam relações com deuses e com outros homens. Roma não escapa à regra e possuía na religião uma potência norteadora da vida e dos atos de seus cidadãos, sempre em busca da paz com os deuses (*pax deorum*). Neste trabalho temos como objetivo analisar a relação que se estabelece entre arquitetura, religião e mitologia, bem como a relação entre a construção de templos e os interesses políticos e propagandísticos de Otávio Augusto. Para tanto partimos da análise do *Tratado de Arquitetura (De Architectura)* de Vitruvius Polião.

**A QUESTÃO DA FAMÍLIA EM SUETÔNIO**

*Bacharel em Teologia Gustavo Cangussu Góes*

Muitos autores ao observarem a obra de Suetônio (70 – 130 d.C.), *De Vita Caesarum*, o encaram como alguém que não estivesse interessado na política do Império Romano, mas apenas nos vícios e virtudes das vidas particulares dos “Césares”, colocando-o assim de escanteio na historiografia, passando a considerar esta obra apenas como literatura. Porém, precisa-se considerar que Suetônio passa contar a história de uma nova forma, a qual já estava implícita em Tácito, considerando tanto a personalidade com o comportamento do imperador como um ato político, o qual, inevitavelmente, estava intimamente ligado à sua vida privada. Por isso, é importante tomar a questão da família, este ambiente doméstico com características distintas de privado e público.

Especialmente neste período pós-augustano em que Suetônio vivia, onde a família era encarada com *pietas*, um termo religioso que passou também a compor esta dimensão doméstica. Era por meio da família que se definia a amplitude da *libertas* de cada indivíduo, filhos eram adotados para haver uma mudança de status familiar, a nobreza era confirmada por meio dela, fato tantas vezes lembrado por Suetônio. Em *De Vita Caesarum* é revisto o momento em que Augusto se torna *pater patriae*, Nero estende de maneira tão vasta sua *domus* que Suetônio chega a dizer que este imperador parecia ver Roma como o quintal de sua casa, Cláudio, no fim de sua vida, arrepende-se de escolhas feitas para sua família as quais, segundo Suetônio, afetaram sua descendência, Calígula é encarado como monstro por ser o responsável pela morte de sua avó, Antonia, por ter relações incestuosas com suas irmãs dentre outros atos. Atitudes familiares que, segundo Suetônio, eram um reflexo do estilo de governo do imperador. Por isso, proponho abordar a questão da família para compreender o contexto político na obra suetoniana.

### **ENTRE A AUSÊNCIA E O DESEJO: UMA REFLEXÃO ACERCA DAS RELAÇÕES AMOROSAS A PARTIR DAS *HEROIDES* DO POETA ROMANO OVÍDIO (I A.C.)**

*Graduanda Mariana Carrijo Medeiros (UFG)*

Tomando por base a obra *Heroides*, elaborada no século I a.C. pelo poeta romano Públio Ovídio Nasão, propomo-nos na presente comunicação a analisarmos as relações amorosas dentro da sociedade romana deste mesmo período, a partir da visão de Ovídio acerca do amor e dos efeitos por ele ocasionados. A obra a ser aqui analisada é constituída por 21 epístolas fictícias, as quais foram elaboradas por Ovídio, em grande parte, como se heroínas dos mitos romanos e, sobretudo gregos, as tivessem escrito e endereçado aos seus heróis, que se encontravam ausentes, porém não obtiveram a resposta dos mesmos.

### **PRÁTICAS MÁGICAS COMO EXERCÍCIO DE PODER: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DOS ESCRAVOS NA LITERATURA ROMANA.**

*Graduanda Suiany Bueno Silva (UFG)*

Analisaremos nesta comunicação o uso das práticas mágicas como um mecanismo de poder empregado pela escrava Fótis, personagem da narrativa de Lúcio Apuleio do século II d.C. Para tanto, a escrava ao fazer uso da magia dissociada dos cultos religiosos inflige os costumes tradicionais da sociedade romana, mas ao mesmo tempo mostra-se uma escrava atuante que sabe articular e negociar em seu espaço de trabalho. Nessa perspectiva, compreendemos que a escrava usava a magia como veículo de ascensão social, por isso, consideramos as negociações e a afirmação social em seu cotidiano como um meio de angariar vantagens pessoais obtidas pelos ofícios ou conhecimento técnico da arte mágica. Partimos do pressuposto de que, assim como os senhores, os escravos exerciam e sofriam a ação do poder, mesmo sendo agentes socialmente inferiorizados.



## **REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DO CASAMENTO NA ROMA ANTIGA**

*Graduando Erick Messias Costa Otto Gomes (UFG)*

O casamento era uma instituição essencial para a aristocracia romana, visto que assegurava a estabilidade política, pois afirmava as uniões entre as famílias e, ao mesmo tempo, garantia sua continuação segundo os padrões tradicionais. Dessa forma, autores antigos o representavam de acordo com a moral tradicional, condenando o adultério e outras práticas que desestabilizassem essa instituição, tal como o uso da prática mágica dissociada dos cultos religiosos. Nessa perspectiva, analisamos a obra *Metamorfoses*, de Apuleio (século II d.C.), na qual as representações do casamento se fazem a partir dessa moral, ou seja, o autor critica ações femininas e masculinas que desagregam o casamento e a família tradicional.

**18:00 – 20:00 – MESA DE COMUNICAÇÕES 25 – SALA 227**

**Coord. Prof. Dr. Antonio Brancaglion Junior (Museu Nacional- UFRJ)**

### **OS BRONZES VOTIVOS E A DEVOÇÃO PESSOAL NO EGITO ANTIGO.**

*Profa Mestranda Cintia Prates Facuri (PPGHArq - Museu Nacional / UFRJ)*

A religiosidade pessoal no Egito antigo está em grande parte restrita aos objetos votivos e ao culto doméstico, uma vez que a maioria dos templos não era acessível à população. A maior parte das estatuetas em bronze são representações de imagens divinas, servindo de oferenda votiva. Tal prática pode ser observada com maior frequência a partir do Terceiro Período Intermediário (c. 1070 a. C.), tornando-se uma das principais manifestações da religião popular. A proposta desta pesquisa é estudar as estatuetas egípcias votivas em bronzes, tendo como base a coleção do Museu Nacional UFRJ, e também outras coleções, a fim de analisar a conexão destas oferendas com manifestações religiosas populares, compreender sua relação com a religião oficial e determinar seu vínculo com outros objetos de culto.

### **ICONOGRAFIA E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE DAS IMAGENS DIVINAS DA TUMBA DE TUTANKHAMUN.**

*Graduanda Raizza Teixeira dos Santos (IH / UFRJ)*

A Tumba de Tutankhamun (KV 62) foi descoberta quase intacta, em 1922, pelo conhecido arqueólogo Howard Carter. Observando seu espaço diminuto e analisando as peças presentes nas câmaras, podemos crer que seu equipamento funerário foi escolhido limitando-se ao que era rigorosamente essencial para o ritual funerário real do faraó de apenas 19 anos, idade confirmada por evidências arqueológicas. Esta pesquisa apresenta um aspecto ainda pouco estudado da maior descoberta da arqueologia egípcia. Ela visa indagar e compreender a alocação de peças divinas e a escolha delas para com seu objetivo, assegurar a passagem do jovem faraó ao Outro Mundo.

## **EGITO ANTIGO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTUDOS DA SEXUALIDADE FEMININA.**

*Graduanda Fernanda Gabrielly Terra Moura (IH / UFRJ)*

O Egito Antigo gera fascínio sobre muitas pessoas, seja pelos seus monumentos grandiosos ou por seu exotismo em relação às sociedades atuais. Nesse contexto, um aspecto importante daquela cultura antiga apresenta-se como uma das principais referências quando se imagina a vida naqueles tempos: a sexualidade feminina. Costume-se, entretanto, projetar impressões contemporâneas à essa questão, operando, em alguns casos, com análises anacrônicas e/ou generalistas, que tratam o longo período em questão como único, deixando de lado mudanças ao longo tempo. Dessa forma, o objetivo dessa comunicação consiste em apresentar os apontamentos de uma pesquisa em fase inicial, através de algumas possibilidades de abordagens sobre esse tema.

## **NARRATIVAS DO FEMININO NO EGITO ANTIGO: CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS.**

*Profa MestrandaThais Rocha da Silva (FFLCH / USP)*

Pesquisas sobre as relações de gênero no Egito antigo se pautaram numa leitura herdeira do movimento feminista. Paralelamente, o material didático disponível a alunos do Ensino Fundamental apresenta um Egito antigo imutável, ainda reduzido ao campo da religião e da realeza. Ainda que parte destes textos disponíveis trate de outras questões sociais, o tema do gênero ficou restrito ao papel social das mulheres, colocadas em antagonismo aos homens em pequenos “boxes”, dispostos em geral ao fim dos capítulos. Tal elaboração contribui para reforçar uma visão de história fragmentada e desarticulada. Do mesmo modo, as mulheres, aqui deslocadas para o campo das “curiosidades”, reforçam uma visão de gênero anacrônica. Pretendo analisar a elaboração desses construtos de história e de gênero, identificando as lacunas da pesquisa acadêmica com o ensino de História que inclui as mulheres de maneira superficial, sem incorporar o tratamento teórico do gênero, negligenciando sua importância para a compreensão da sociedade egípcia e do mundo contemporâneo.

**QUINTA FEIRA – DIA 27 DE SETEMBRO DE 2012**

**09:00 – 10:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 26 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Prof. Dr<sup>a</sup>. Tania Martins Santos (PPGLC / UFRJ)**

### **O SYMPOSION NA TUMBA DO MERGULHADOR**

*André Alcântara Augusto Pereira (Mestrando do PPGLC / UFRJ)*

O *symposion* era uma importante instituição social na Grécia Antiga. Consistia em uma reunião, predominantemente masculina, onde os convivas juntos bebiam vinho (*συνπίνειν*) e ocasionalmente discutiam. Célebres ficaram os registros escritos por Platão e Xenofonte. Representações iconográficas de *symposia* são encontradas pintadas na cerâmica ática, esculpidas em frisos de templos e em um exemplo único, em afrescos na Tumba do Mergulhador. A Tumba do Mergulhador é um achado arqueológico, descoberto em 1968 pelo arqueólogo italiano Mario Nefeli na necrópole da antiga colônia grega de *Posseidonia*, Magna Grécia, atual *Paestum*, cerca

de 85 km sudeste de Nápoles. Nessa tumba, foram encontrados afrescos que retratam um *symposion*. Os afrescos, em excelente estado de conservação, permitem não só confirmar como era organizado o evento, mas também a ocorrência de relações sociais como, por exemplo, entre *erastés* e *erómenos* e lúdicas, como o jogo do *kóttabos*. Considerando que a análise iconográfica muito contribui para uma melhor compreensão de eventos do passado, o presente trabalho procurará comparar o contexto iconográfico encontrado na Tumba do Mergulhador com a estrutura formal descrita no *Banquete* de Xenofonte, possibilitando uma melhor compreensão de como era organizada essa instituição.

### **A PRESENÇA FEMININA NO BANQUETE DE TRIMALCIÃO**

*Daniele de Oliveira da Silva (Mestranda PPGLC / UFRJ)*

A civilização greco-latina, consciente da importância do prazer e do comer na vida humana, tinha o hábito de realizar banquetes: reuniões em que havia comida, discussões e bastante divertimento. O banquete era um evento de muito prestígio, pois apenas pessoas bem favorecidas economicamente tinham condições de armazenar excedentes suficientes para poder oferecê-los a outros. Além do alimento e da bebida, havia também conversas, música, o encontro de pessoas, a fim de discursar assuntos diversos – muitas vezes de ordem cultural - tornando-o um evento muito agradável. Este estudo não pretende discorrer sobre a estrutura do banquete, apesar de mencioná-la em alguns momentos, mas sim, fazer uma breve análise sobre a principal personagem feminina presente no banquete de Trimalcião, da obra latina *Satyricon: Fortunata* (esposa do anfitrião), ou, como consta em algumas traduções, *Monetária*. E, desta forma, verificar como seu comportamento, certas vezes, aproxima-se e outras vezes afasta-se daquele esperado a uma matrona (mulher do lar), como também, da cultura e da educação latina.

### **MÉTRON E DESMEDIDA NO ÊXTASE DO VINHO**

*Pós Graduando Marco Antônio Lima da Silva (UFRJ / UNB)*

A viticultura é bem mais antiga que a história documentada e surgiu com a própria civilização, provavelmente advinda do Oriente. As evidências em tabuletas, papiros e tumbas egípcias são numerosas, todavia essa cultura se irradiaria por todo o Mediterrâneo por intermédio da colonização e trocas culturais desde as terras insulares até costa da Anatólia e demais nações tocadas por esse mar. Os fenícios, primordialmente, disseminariam a viticultura por volta de 1100 a.C. e, cerca de 350 anos mais tarde, os gregos tornar-se-iam célebres pela produção do vinho resinado por todo Egeu, tendo, então, em Quios um dos grandes fornecedores deste produto. O mito liga a tradição vinícola a Dioniso que teria na sua infância divina descoberto a vinha e primeiro sorvido de seu alcoólico sumo. Esse deus de origem oriental e ligado à natureza estaria presente no *homo dionysiachus*: este que se dionizando, embebido do vinho e do deus, liberaria, por meio do êxtase e do entusiasmo, certos condicionamentos e interditos de ordem ética, política e social. Chocando-se, assim, com a ordem da *polis* preconizada pelo *métron*. Desta forma, os excessos alcoólicos seriam condenáveis, recomendando-se certa “etiqueta” na apreciação da bebida báquica. Almeja-se com o trabalho ora posto traçar um sucinto panorama do hábito helênico de sorver o vinho e as nefastas implicações da *démese* ocasionada pelo excesso alcoólico desde a poesia épica, passando pela hedonista arcaica, culminando na prosa clássica

ática que contempla os simpósios, celebrações de caráter lúdico, educacional e social, a saber, *O Banquete de Xenofonte* e *O Banquete de Platão*.

### **AS MÚLTIPLAS FACES DE EROS NO DISCURSO POLIFÔNICO DO BANQUETE DE PLATÃO**

*Graduando Marcus Vinicius Caetano de Freitas (UFRJ)*

Este trabalho se propõe a expor as questões centrais do discurso de cada personagem do diálogo *Banquete de Platão*, com vista a descrever as múltiplas caracterizações de Eros realizadas pelos seus interlocutores. Mostrar-se-á também as relações entre cada discurso, como a fala seguinte reitera ou contradiz a anterior. Partindo disto, observar-se-á uma tensão básica que estrutura o tema do amor: o amor no plano individual (manifestação do múltiplo) e o amor no plano transcendente (manifestação do Uno). Ainda nessa perspectiva, far-se-á uma análise da relação sequencial das falas de Alcibíades e Sócrates, em uma tentativa de elucidar a intenção do autor ao colocar a fala de Alcibíades ao fim do diálogo, como portador da palavra final.

**09:00 – 10:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 27 – SALA 225**

**Coord. Profa. Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante (IH - PPGHC - LHIA/ UFRJ)**

### **NARRATIVAS IMAGÉTICAS EM PEDRA: O ESTILO DE VIDA RURAL NOS DISCURSOS MUSIVOS AFRO-ROMANOS**

*Profa. Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante (IH – PPGHC - LHIA / UFRJ)*

A vida rural era um tema bastante presente nos mosaicos da África Romana. Nesta comunicação, selecionamos alguns destes mosaicos, datados entre o século III e V, período auge do estilo musivo africano, e os analisaremos a partir da leitura semântica isotópica, objetivando identificar um conjunto de signos e símbolos recorrentes, que nos permita compreender as implicações histórico-culturais presentes nestas narrativas musivas sobre o estilo de vida rural.

### **UM RETRATO EM VASO DO ASSASSINATO DE RESO**

*Graduando Rafael de Almeida Semêdo (PUC-RJ / University of California - UCLA)*

Em uma ânfora do século VI a.C., o Pintor de Inscrições retratou o assassinato de Reso e seus homens por Diomedes e Ulisses na guerra de Tróia. Utilizando-se da técnica de figuras negras, o artista de Khalkís radicado em Rhégion, colônia grega no sul da Itália, pintou sua versão sobre a morte do rei trácio e seus guerreiros. O presente trabalho analisa esta obra de arte, hoje exposta no museu Getty Villa, em Malibu, Califórnia, apurando as possíveis fontes de inspiração de seu autor na literatura e no mito. Ao mesmo tempo, investiga-se o próprio mito de Reso e as representações de suas variantes em Homero, Eurípides (a quem a tragédia Reso é polemicamente atribuída), Píndaro e Vergílio.

### **COESÃO, CRIAÇÃO E INOVAÇÃO NO REPERTÓRIO IMAGÉTICO DE PINTORES DE VASOS DE FIGURAS NEGRAS DO FINAL DO ARCAÍSMO**

*Profa. Dra. Carolina Kesser Barcellos Dias (LECA-UFPEL)*

Narrativas sobre o mundo das divindades e dos heróis, cenas religiosas, cenas do cotidiano,

imagens relativas às esferas ‘Humana’ e ‘Mitológica’, constituem um importante repertório imagético que pode contribuir para um maior conhecimento do universo sócio-cultural da Atenas de fins do século VI e início do século V a. C. Interessa-nos, aqui, a recuperação dessas narrativas, com especial atenção às inovações e criações que sugiram traços de originalidade aos artistas produtores de imagens e, assim, ofereçam informações para uma melhor compreensão da iconografia ática do período arcaico.

### **A FIGURAÇÃO DE ATHENA NOS VASOS DA SÉRIE "ARMAMENTO E PARTIDA DO GUERREIRO": 520 A 400 - ANÁLISES PRELIMINARES**

*Graduando Mateus Filipe Bento de Oliveira (IH - UFRJ)*

A pesquisa, iniciada em 2011, busca investigar a série de vasos cerâmicos atenienses do período Clássico denominada como “Armamento e Partida do Guerreiro”, figuradas sobre a superfície de vasos de cerâmica áticos em um período que vai de aproximadamente 520 a 400 a.C, recorte temporal escolhido por ligar-se ao momento de maior força da democracia ateniense. Dentro dessa extensa forma de representação, temos como recorte os vasos nos quais se encontra a figura da deusa Athena. Nossa proposta visa investigar o material através de uma abordagem que leve em direção a propostas de leitura histórica e de história visual debatidas por Meneses (1998 e 2005).

**09:00 – 10:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 28 – SALA 227**

**Coord. Profa. Dra. Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO)**

### **RELIGIÃO, GÊNERO E RITUAL NA ROMA ANTIGA**

*Profa. Dra. Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO)*

Uma abordagem da religião romana que inclua elementos dos estudos de gênero pode ser produtiva para a compreensão dos fundamentos e do significado de um sistema social que assigna a cada indivíduo seu lugar e sua identidade social e sexual. Nosso foco estará, portanto, numa análise integrada dos papéis de gênero, e não numa observação dos elementos “femininos” tomados isoladamente. Uma breve análise de alguns dos rituais do mês de março, tomados como exemplo, permite a observação da complexa interrelação, no sistema ritual, dos elementos “masculinos” e “femininos” na Roma Antiga.

### **AS FESTIVIDADES JUDAICAS E A NARRATIVA DO TEXTO HEBRAICO BÍBLICO**

*Profa. Dra. Cláudia Andréa Prata Ferreira (UFRJ)*

O calendário judaico: as festividades judaicas, sua relação com a história de Israel na narrativa do texto hebraico bíblico e com a natureza. As três principais festas judaicas que constam na *Torá*, além de *Rosh Hashaná* e *Iom Kipur*, são *Pessach*, *Shavuot* e *Sucot*. Conhecidas como os *Shalosh Regalim*, essas festas estão relacionadas ao Êxodo do Egito e comemoram os eventos pilares do judaísmo. Apesar de ocorrerem em meses diferentes do calendário judaico, estão relacionadas ao Êxodo. O tema fundamental trata dos “direitos humanos” e as “questões sociais”. Os festivais de peregrinação (*Shalosh Regalim*) dramatizam de modo impressionante o pacto de Israel com Deus e reafirmam o próprio papel de cada judeu dentro desta sociedade.



## **PAPIRO ERÓTICO DE TURIM: REPRESENTAÇÕES NO ESPAÇO COTIDIANO NA VILA DEIR EL-MEDINA**

*Profa. Mestranda Josiane Gomes da Silva (UFRN)*  
*Prof. Mestrando Genilson de Azevedo Farias (UFRN)*

A proposta do presente trabalho é ter como tema a análise das representações dos espaços internos e externo, percebidos no espaço cotidiano e identificados nas fontes iconográficas encontradas no sítio arqueológico da antiga vila egípcia de Deir el-Medina. Para o entendimento deste tema será utilizado um método da arqueologia, que é a tipologia, que consiste em selecionar um corpus documental em tipos e catalogá-los em fichas, para em seguida empregar o método da análise iconográfica das imagens constituintes do Papiro erótico egípcios de Turim e as demais fontes de cunho imagético. Esta pesquisa busca resolver a seguinte questão: como é possível identificar os espaços cotidianos presentes nas representações de Deir el-Medina? Ou seja, como é possível, por meio dos estudos do espaço, perceber a sociedade egípcia e seu cotidiano no caso específico de Deir el-Medina?

**10:45 – 12:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 29 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Prof. Dr<sup>a</sup>. Tania Martins Santos (PPGLC / UFRJ)**

### **O BANQUETE NA LITERATURA LATINA**

*Profa Doutoranda Katia Teonia Costa de Azevedo ( PPGLC/UFRJ)*

São inúmeras as referências a banquetes no mundo antigo, não apenas imagética, notadamente em vasos e pinturas tumulares, mas também literária, com registros nos mais variados gêneros, quais sejam, filosofia, comédia, epigramas etc. Na literatura latina, as referências a essa prática recebem um maior destaque nas obras satíricas, em que são destacados ora a extravagância dos comensais, ora alguns dos muitos costumes típicos que compõem essa prática.

### **O VIÉS CÔMICO NOS BANQUETES DE XENOFONTE E DE PLATÃO E, TAMBÉM, NO SATÍRICON DE PETRÔNIO**

*Luana Cruz da Silva (Mestranda PPGLC/UFRJ)*

Sabe-se que a comédia, desde a Antiguidade Clássica, tinha lugar de destaque nas manifestações artísticas e que por meio dela era possível criticar e satirizar aspectos, costumes e membros da sociedade de um modo geral. O aspecto cômico é, portanto, uma parte importante da literatura clássica. Considerando que os banquetes eram reuniões regadas a vinho em que os participantes discutiam sobre assuntos diversos e que, muitas vezes, havia algum convidado que pelo comportamento provocava o riso nos demais, pretende-se, neste trabalho, o abordar a comicidade presente nos discursos de Aristófanes e Alcebíades no *Banquete* de Platão e no discurso de Filipo no *Banquete* de Xenofonte. A guisa de comparação, será analisado também o aspecto cômico do discurso de Trimalquião no banquete retratado na obra *Satíricon* de Petrônio.

### **PENÉLOPE: PROTÓTIPO DA ESPOSA IDEAL**

*Graduanda Luciana Ferreira da Silva (Faculdade de Letras da UFRJ)*

Na literatura grega, há muitas personagens femininas, fato este que torna de grande relevância o estudo de gênero nas pesquisas voltadas à Antiguidade Clássica. Não há dúvidas de que, entre as várias figuras existentes, Penélope possui um grande destaque. Por um lado, apresenta características de uma esposa perfeita e, por outro, tem um lado ardiloso, assim como seu esposo Odisseu. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo, analisar, psicologicamente, a personagem em questão, nos primeiros cantos da *Odisseia*, referentes à Telemaquia, buscando caracterizar o perfil da mesma em relação à família, pautando-se na segunda parte da obra xenofonteana, *Econômico*.

### **O SÓCRATES EPIDÍTICO NO BANQUETE PLATÔNICO**

*Mestrando Marcelo Coutinho de Oliveira (PPGLC/ UFRJ)*

O banquete é uma prática social importante para o refinamento dos homens e educação dos jovens em formação nas sociedades, conforme aponta largamente a literatura clássica. As discussões embebidas em vinho, após o jantar, podiam apresentar temática diversificada ou única, como ocorre no Banquete platônico, obra que embasa o presente trabalho. O acalorado elogio do Amor é o fio condutor do banquete em casa de Agatão, onde Sócrates, tendo ouvido todos os discursos sobre o tema proposto, fala de forma complexa, visando à dissuasão das ideias de seus companheiros e também ao elogio do Amor. Utilizando o recurso do discurso indireto, Sócrates desmonta a argumentação dos companheiros enquanto apresenta seu louvor. Desta forma, propõe-se a análise de tal desconstrução e reconstrução das noções de Amor, sob o ponto de vista do discurso epidítico de Sócrates.

**10:45 – 13:00 – MESA DE COMUNICAÇÕES 30 – SALA 225**

**Coord. Profa. Dra. Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO)**

### **O DISCURSO DE OVÍDIO SOBRE CLAUDIA V**

*Graduando Pedro Paulo Rosa (UNIRIO)*

Nesta comunicação, nos debruçaremos sobre a seção do mês de abril no livro *Fasti*, do poeta latino Ovídio, que trata da recepção da *Magna Mater* no porto de Óstia. De que maneira ele narra o *prodigium* realizado pela *Magna Mater* através da Claudia V no momento em que aquela, após o Senado romano tê-la considerado importante para a cidade de Roma, realiza um milagre. A presente comunicação é parte integrante da monografia que está em elaboração, oriunda do projeto de pesquisa intitulado "Festivais de Abril e o Feminino em Roma, sob o olhar de Ovídio em *Fasti*, L.IV". Desta maneira, realizaremos uma breve análise não só da maneira como o poeta enxergava esta rica matrona, mas também notar as categoriais verbais e imagéticas que narravam um estilo / modelo de mulher em que ele acreditava ou queria propagar, lembrando que, naquele momento da escrita dos *Fasti*, o imperador era Augusto e Roma passava por sua *restauratio*.

### **A BRITANNIA ROMANA: OS EXAGEROS E ACERTOS DA NARRATIVA DE TÁCITO EM AGRÍCOLA**

*Graduando Jhan Lima Daetwyler (Unirio)*

Tácito nunca esteve na província romana da *Britannia* de fato, mas seu conhecimento sobre a região se origina dos relatos de seu sogro, Júlio Agrícola, o qual foi governador da *Britannia* no

final do século I EC. Escrevendo essa parte da biografia de seu sogro, Tácito não deixa de enaltecê-lo em sua narrativa, afirmando que Agrícola trouxe muitos benefícios para o lugar e relata um pouco dos costumes da província naquela época. É difícil pressupor se os ditos fatos narrados são literalmente de Agrícola, mas muito provavelmente, eles sofreram algum tipo de alteração por parte de Tácito. A narrativa é lida analiticamente pelo método da leitura isotópica de A. Greimas e J. Courtès. O foco desse trabalho é analisar criticamente algumas passagens que se mostram essenciais para compreender a vida e a cultura dos bretões romanos que habitavam a província.

### **LUCRÉCIA NOS *FASTI* DE OVÍDIO: *VINCETUR FEMINA PUGNA***

*Graduanda Caroline Fontes do Nascimento (UFRJ)*

Ovídio é considerado um dos cânones poéticos da literatura latina. Nascido em 43 AEC, viveu sob o principado de Augusto, ligando-se à segunda geração dos poetas augustanos, juntamente com Tibulo e Propércio. É o autor dos *Fasti*, obra composta de seis livros e inacabada, em virtude do exílio decretado por Augusto – Ovídio pretendia escrever doze livros correspondentes a cada um dos meses do ano, seus festivais e sua importância dentro do calendário romano. Apesar de sua forma elegíaca, os *Fasti* podem enquadrar-se no gênero da poesia didática, dada a natureza de seu tema. A história de Lucrecia, nosso objeto de estudo, é apresentada no final do segundo livro (*Fast.* II, 721-836), quando o poeta comenta o *regifugium* e a queda da monarquia em Roma. O objetivo da pesquisa é, por meio de uma análise retórica, do levantamento vocabular e de figuras de linguagem, estudar como se dá a apropriação da imagem de Lucrecia por Ovídio, de modo a criar um ideal de matrona no século de Augusto, parte da campanha de retomada da moral romana instituída por este imperador. Nesta comunicação, desejamos expor os resultados parciais desta pesquisa, indicando o modo pelo qual Lucrecia é usada como o modelo cívico de esposa dedicada.

### **ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DA SOBRE-EXCELÊNCIA GREGA SOBRE A ROMANA EM ALEXANDRE E CÉSAR, DE PLUTARCO**

*Prof. Mestrando Roberto da França Neves (UFRJ)*

A biografia de Plutarco no Império Romano, *Vidas Comparadas: Alexandre e César*, oferece a representação mais vital das identidades grega e romana. A confluência desses modelos civilizatórios relativiza a relação entre os dominadores e os dominados, ao permitir, nas memórias, a construção do tipo humano mais pleno possível. O empenho secreto e preponderante é destacar a primazia dos gregos na constituição de valores no mundo. A organização das duas narrativas, cada qual a relatar apenas o seu herói para formar uma unidade transcendental, possibilita, no diálogo indireto entre ambas, a estratégia discursiva da diferença de patamares entre os personagens. A sobre-excelência do homem grego sobre o romano é o fundamento da reunião e da oposição dos caracteres. Por outro lado, a reverência ao nobre deve prevalecer sobre qualquer diferença de identidade, para não romper a comunhão clássica. Ou seja, deixa-se latente a ideologia para aumentar o potencial de implicação. Mais denso, pode-se abarcar, sem problemas, a crítica à dominação, sem o ônus de ofendê-la, porém não alcança a maturidade da expressividade. O mecanismo proposto, conforme os conceitos de antipatia e simpatia de Foucault, promove a densidade semântica e estrutural da tessitura, acrescentando maior conteúdo ao discurso da história. Por meio de vários teóricos, caminha-se pela configuração dos eventos, pelo jogo entre o revelado e o oculto. Os episódios podem ser referidos com valores tradicionais de bem moral, de forma que encontre no outro par o elo de comunicação, consecutivamente, em contradição e complementaridade.

## **HISTÓRIA, NARRATIVA E IMAGEM NO MUNDO ASSÍRIO**

*Profa. Dra. Katia Maria Paim Pozzer (ULBRA)*

O historiador é aquele que escolhe quais são os fatos do passado cuja memória merece ser preservada, sendo assim elevados à categoria de fato histórico. No mundo antigo, escribas e governantes desempenharam este papel. A preocupação com a transmissão da cultura e a preservação da história estava presente entre eles, como evidencia a existência de bibliotecas mantidas por palácios, templos e mesmo coleções privadas. Mas além dos textos, eles criaram, também, um outro suporte para a preservação da memória dos acontecimentos vividos: os assírios inovaram na criação dos baixos-relevos esculpidos nas paredes internas dos palácios. A prática cultural da criação destes relevos monumentais estava associada ao momento político de construção de grandes impérios e a imponente quantidade de cenas e a sua própria continuidade indicam sua função documental. As lajes de pedra sobrepostas nas paredes dos palácios continham relevos que narravam ações do soberano, sobretudo as guerras de conquista. A finalidade destes relevos era narrar e eternizar uma imagem da cidade assíria, como capital do mundo civilizado e o palácio real como centro do Universo.

**10:45 – 12:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 31 – SALA 227**

**Coord. Profa. Dra. Nely Feitoza Arrais (UFF)**

### **A REFORMA DE AMARNA ENTENDIDA SOCIALMENTE: O QUE, DE FATO, MUDOU?**

*Graduando Rennan de Souza Lemos (Laboratório de Estudos Egíptológicos – UFF)*

Este trabalho consiste numa revisão necessária dos aspectos sociais da Reforma de Amarna, visto que, pelo que percebo, ainda se pode encontrar nas pesquisas desenvolvidas no Brasil, mas também entre alguns especialistas de outras nacionalidades, certa falta de rigor teórico e, em alguns casos, certa ingenuidade, em relação a este episódio da história egípcia antiga, que compreende o reinado do faraó Akhenaton, por volta de 1350-1330 a. C. Por um lado, as pessoas parecem crer nos conteúdos teológicos da religião de Amarna - o que só é permitido entre os rosacruzistas, neopagãos e místicos em geral -, ponto de partida para uma idealização sem fim do reinado de Akhenaton; por outro, considera-se ter sido o período amarniano uma época de mudanças efetivas gerais no relativo à prática da religião e às concepções de mundo, o que significa encarar acriticamente os conteúdos dos hinos ao Aton e de outros textos de Amarna, não levando em conta os achados arqueológicos escavados desde o início do século XX até os dias de hoje. Contra essas visões simplistas e relativamente deturpadas, o objetivo desta comunicação é apresentar, em linhas gerais, os aspectos sociais da Reforma de Amarna, com base, sobretudo, numa teoria da programação social dos comportamentos de ênfase nas práticas sociais. Leva-se em conta os conteúdos teológicos dos hinos ao Aton, cuja autoria é atribuída ao próprio faraó Akhenaton, assim como dados das escavações arqueológicas relativos ao que se convencionou denominar "piedade pessoal", isto é, as concepções e práticas individuais das pessoas quanto à devoção em divindades específicas. Defende-se, aqui, a perspectiva de que o período da Reforma de Amarna consistiu numa época de continuidades muito mais do que de modificações efetivas na sociedade egípcia como um todo.

**A RADICALIZAÇÃO DAS CENAS REFERENTES À FAMÍLIA REAL NAS  
REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS DO PERÍODO AMARNIANO (1353-1335 A. C.)**

*Profa. Doutoranda Gisela Chapot (Laboratório de Estudos Egíptológicos – UFF)*

Pretendemos, nesta comunicação, abordar algumas das modificações artísticas introduzidas pelo faraó Akhenaton durante a Reforma de Amarna em 1353 a.C. Destacaremos as mudanças no tocante ao repertório do que era representado, como, por exemplo, a supressão dos deuses, substituídos pela família real em cenas de intimidade sob os raios do deus Aton. Esta escolha, por sua vez, estava diretamente relacionada com elementos teológicos introduzidos por Akhenaton. Para tal, trabalharemos como *corpus* imagético proveniente de relevos templários, tumbas privadas e altares domésticos das cidades de Tebas e Amarna.

**O DISCURSO DE COROAÇÃO DE HOREMHEB: A ASCENSÃO DE UM GUERREIRO  
AO TRONO DO FARAÓ**

*Profa. Dra. Nely Feitoza Arrais (Laboratório de Estudos Egíptológicos - UFF  
Centro Acadêmico LaSalle do Rio de Janeiro)*

No decorrer do terceiro até a metade do segundo milênio a. C. uma das funções por excelência atribuída ao faraó era a guerreira, definida como uma característica centrada no equilíbrio cósmico do cargo de faraó o qual detinha o poder de manutenção da ordem social defendida vigorosamente contra todos aqueles que não o reconheciam como tal. A partir do Segundo Período Intermediário e da dominação estrangeira sobre o Egito, os valores guerreiros serão também direcionados para o conjunto dos homens que constituíam a força do faraó formando uma nova base de legitimação e reconhecimento para os que se destacassem nesta função que adquire, a partir de então, uma nova semântica social. Os faraós do período raméssida ao passarem pelo título de Grande general como coregentes, demonstram que a ascensão ao cargo maior da administração egípcia baseava-se sobre uma qualificação também de cunho militar e não mais somente pela consanguinidade. De forma crescente estes títulos tornam-se o princípio legitimador para a sucessão ao trono. O texto de coroação de Horemheb permite-nos identificar esta conduta. O discurso legitimador de Horemheb foi formulado tendo por base sua conduta pessoal como escolhido de Hórus e Amon. As qualidades administrativas e militares são aí realçadas.

**TODOS OS RENDIMENTOS QUE ESTÃO NA TERRA INTEIRA: QUANTO CUSTA  
ERIGIR UMA CIDADE?**

*Prof. Doutoranda Liliane Cristina Coelho (LEE/PPGH-UFF e Uniandrade)*

Uma análise detalhada dos textos presentes nos monumentos de fronteira erigidos por ordem de Akhenaton (c. 1353-1335 a.C.) para marcar os limites de sua nova cidade, Akhetaton, mostra que a obtenção dos recursos para sua construção também foi prevista pelo faraó. Um trecho do texto das estelas do ano 5 nos dá pistas sobre a origem destas receitas: “*Eu farei [todos os rendimentos] que estão [na terra inteira] pertencerem ao Aton, meu pai, em Akhetaton, neste lugar*”. Estudos sobre este tema, no entanto, não foram desenvolvidos, sendo o assunto de fato apenas citado por alguns pesquisadores. Nesta comunicação partiremos dos dados disponíveis para compreender de que maneira os rendimentos foram redirecionados para a construção de Akhetaton, bem como a situação da economia egípcia após o estabelecimento da cidade.



## **A SEGUNDA MORTE DE OSÍRIS: ALTERAÇÕES NA RELIGIÃO FUNERÁRIA NO PERÍODO AMARIANO**

*Prof. Dr. Moacir Elias Santos (UFF – Uniandrade)*

Durante o governo do faraó Akhenaton (c. 1353-1335 a.C.), na segunda metade da XVIII Dinastia, diversas modificações ocorreram na sociedade egípcia, mas nenhuma delas foi tão dramática quanto aquela que afetou a religião, onde temos uma clara extinção (mesmo que passageira) do além. Neste ponto, o que mais nos interessa é compreender de que forma a religião funerária foi pensada, visto que a *Duat*, o reino dos mortos, deixou de existir e com ela todo o imaginário que a compunha – algo que sinaliza a segunda morte do deus Osíris. Assim, nesta comunicação analisaremos qual era este destino dos mortos, para o que empregamos diversos *corpora* (fontes escritas, iconográficas e arqueológicas) que auxiliam no esclarecimento da nova forma de imortalidade baseada no deus Aton e no próprio Akhenaton.

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 32 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Prof. Doutorando Guilherme Moerbeck (IUPERJ/PPGH-UFF)**

### **SOCIEDADE E INDIVÍDUO NA ILÍADA DE HOMERO**

*Graduanda Renata Cardoso de Sousa (LHIA - UFRJ)*

A proposta de nossa apresentação é verificar como a noção de indivíduo e sociedade, elaborada por Norbert Elias e trabalhada por Jean-Pierre Vernant, nos ajudam a compreender o modo pelo qual os heróis se relacionam com a sua sociedade e vice-versa na *Ilíada*, de Homero. Embora elaborados nos anos 1920, esses conceitos são fundamentais para entender as relações entre as pessoas, que, desde que o homem existe, são o que possibilitam a convivência de uns com os outros e da constituição de *nómoi*, leis, normas que viabilizam essas relações.

### **OS ESFORÇOS DE UMA ILHA PARA BATIZAR UMA LENDA: CHIOS, BERÇO DE HOMERO**

*Prof. Doutorando Alexandre Santos de Moraes (Universidade Federal Fluminense)*

Na Antiguidade, muitas localidades reivindicavam o privilégio de terem sido o local onde Homero supostamente nasceu. De todas elas, a ilha de Chios, situada nas proximidades da Ásia Menor, teve maior destaque e ainda hoje procura reiterar a tradição de ter sido o berço do mítico autor da *Ilíada* e da *Odisséia*. A comunicação faz um debate, em tom ensaístico, de algumas implicações relativas aos esforços que os habitantes de Chios fazem, ontem e hoje, para atribuir a si próprios essa ilustre descendência.

### **A CIDADE DAS GRANDES DIONISIAS: A POLÍTICA EM FOCO**

*Prof. Doutorando Guilherme Moerbeck (IUPERJ/PPGH-UFF)*

As festividades em honra de Dioniso eram iniciadas ainda no inverno Europeu, nos últimos dias do mês *Posídeon*. Eram as Dionísias Rurais que tomavam os *demoi* espalhados pela Ática. Em

*Gamèlion*, a Lenéia era iniciada e contava com procissões e concursos dramáticos. *Anthestèrion* marcava a festa do vinho homônima e, por fim, com o início da primavera, no mês *Elaphèbolion*, as Grandes Dionísias, também conhecidas como Dionísias Urbanas, marcavam o encerramento das grandes festas dedicadas ao deus Dioniso com pompa e circunstância. Era um dos dois maiores festivais atenienses, perdendo, quiçá, em importância, para as Grandes Panatenéias. A cidade encontrava-se aberta a quem lá pudesse estar; monumental e ciosa de sua importância na geopolítica do Egeu do século V a.C. Lá participavam cidadãos e não-cidadãos. Expostas e delimitadas ao escrutínio público estavam as posições sociais e as tensões políticas naquela que foi a mais política das festas do deus do vinho em Atenas. Essa comunicação tem como principal intuito expor as origens das Grandes Dionísias e problematizar tal festival no que concerne à configuração do campo político ateniense.

### **O ENCONTRO DE GLAUCO E DIOMEDES NO CANTO VI DA ILÍADA DE HOMERO**

*Profa. Mestre Carmen Lucia Martins Sabino (UNIRIO)*

O objetivo desta comunicação é analisar o diálogo entre Glauco e Diomedes na *Ilíada*, enfatizando os aspectos que demonstram a importância da linhagem e da hospitalidade na formação dos heróis, configurando construções através das quais os homens delimitam identidades e papéis, relações e obrigações.

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 33 – SALA 225**

**Coord. Prof. Doutorando Diogo Pereira da Silva (UNIVERSO/LHIA-PPGHC-UFRJ)**

### **CONCEPÇÕES DE FRONTEIRAS E ESTRATÉGIAS DEFENSIVAS NO MUNDO ROMANO: UM ESTUDO SOBRE AS LINHAS FINAIS DO IMPÉRIO FOCADO NO CASO DO LIMES GERMÂNICO**

*Graduando Leonardo Judice Amatuzzi (LHIA-UFRJ/FAPERJ)*

O objetivo da minha participação neste evento é apresentar os resultados obtidos pelo projeto de pesquisa que desenvolvo como bolsista de Iniciação Científica, com bolsa da FAPERJ, relacionado à problematização da concepção de fronteiras no mundo romano. Esta pesquisa está relacionada com o projeto coletivo de pesquisa intitulado “Império: teoria e prática imperialista romana”, sob a coordenação da Profa. Norma Musco Mendes, cujo objeto central é analisar o Império Romano como um campo de experimentação comparativa. Neste evento, partindo da ideia presente nas narrativas de Tácito de que os oceanos e alguns rios formavam as fronteiras naturais do Império: “*Que o império tivera por limites o oceano e os rios mais distantes.*” (*Anais*, I, 9), discutiremos as estratégias defensivas elaboradas pelos romanos, nos séculos I e II d.C., destacando os debates relacionados com a noção de “Grande Estratégia”, formulada por E. N. Luttwak, de forma que temos como objetivo buscar a construção de argumentos explicativos sobre as razões que garantiram aos romanos a manutenção do *limes* Reno-danubiano por um longo período de sua história. Pretendemos contribuir, assim, para estimular o debate comparativo sobre as semelhanças e diferenças na construção das noções sobre fronteiras existentes nos impérios agrários.

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL ACERCA DOS MERCADORES NO DISCURSO  
RELIGIOSO NO *DOMINATO*: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AMBRÓSIO DE  
MILÃO E AGOSTINHO DE HIPONA**

*Prof. Mestre Alter Elvas Rodrigues Cordeiro (LHIA-UFRJ)*

Trataremos, nesta comunicação, como dois membros da Igreja Cristã, durante o *Dominato*, representaram de forma distinta o mesmo grupo social, o os mercadores. Abordaremos como Ambrósio de Milão, em sua obra dogmática *De fide* (Da fé), interpretou as ações dos comerciantes perante um ideal cristão que defendia. Compararemos este documento com o sermônário de Agostinho de Hipona em que o bispo norte-africano representou os mercadores, objetivando identificar e explicar as suas semelhanças e suas diferenças.

**REPRESENTAÇÕES DO PODER: A ARTE COMO FORMA DE LEGITIMAÇÃO NO  
PRINCIPADO AUGUSTANO**

*Prof. Mestre Thiago Almeida Lourenço Cardoso Pires (CEIA-UFF/LHIA-UFRJ)*

Esta comunicação pretende apresentar os resultados finais de minha pesquisa de mestrado intitulada “Arte e poder: a propaganda política no Principado como campo de experimentação comparativa”. A pesquisa versou sobre os processos adotados durante Principado para garantir a legitimação do governo de Augusto, assim como as estratégias para a continuidade de seu regime. Para tanto segui uma perspectiva comparativista - baseada nos pressupostos teóricos adotados pelo campo de experimentação comparativa organizado em torno do projeto coletivo “Império: teoria e prática imperialista romana”- para explorar os símbolos contidos na *Eneida* de Virgílio, no *Ara Pacis* e no Fórum de Otávio Augusto, a fim de dialogar com outros pesquisadores.

**ESPAÇOS PRODUTIVOS RURAIS DO LITORAL SUL DA LUSITÂNIA: *VILLAE* E *VICI*  
DURANTE OS SÉCULOS III E IV D.C.**

*Graduando Rômulo Coimbra do Nascimento (LHIA-UFRJ/CNPq)*

Nesta comunicação, a partir de uma discussão sobre a inserção da província da Lusitânia no modelo de sistema econômico desenvolvido pelo historiador italiano Aldo Schiavone, temos por objetivo, inicialmente, compreender como as transformações ocorridas no período do Baixo Império Romano modificaram o funcionamento de tal sistema econômico. Em seguida, a partir da interpretação da documental textual e da documentação de cultura material – em especial, os vestígios materiais escavados e analisados por arqueólogos e epigrafistas portugueses -, centralizaremos nossa exposição no desenvolvimento e expansão dos espaços de produção rural na província da Lusitânia, durante os séculos III e IV d.C. Deste modo, buscaremos estabelecer um contraponto entre este desenvolvimento provincial com aquilo que se convencionou denominar de “Crise do Baixo Império Romano”. Desta forma, com esta pesquisa de Iniciação Científica - bolsa PIBIC- que integra o projeto coletivo de pesquisa intitulado “Império: teoria e prática imperialista romana”, sob a coordenação da Profa. Dra. Norma Musco Mendes, cujo objeto central é analisar o Império Romano como um campo de experimentação comparativa, esperamos estar contribuindo para refletir sobre os processos de desagregação de Impérios.

**MARCO AURÉLIO NUMERIANO (283-284): REVISITANDO AS NARRATIVAS DA MORTE DE UM JOVEM IMPERADOR ROMANO**

*Prof. Doutorando Diogo Pereira da Silva (UNIVERSO/LHIA-PPGHC-UFRJ)*

A partir da temática geral do XXII Ciclo de Debates em História Antiga – “História & Narrativas” –, estabeleceremos, na presente comunicação, uma análise da trajetória do imperador romano Marco Aurélio Numeriano (283-284), discutindo as diferentes narrativas de sua morte, quais sejam: ou o seu assassinato orquestrado por seu sogro, ou a sua morte durante uma campanha contra os persas. A análise de tal trajetória nos permitirá, não obstante, discutir os fatores que caracterizaram as crises que o domínio romano sofreu a partir do século III, e que levaram ao colapso da estrutura imperial no Ocidente, em fins do século V. Esta temática compõe um subprojeto da pesquisa coletiva “Império: teoria e prática imperialista romana” – coordenada pela Profa. Dra. Norma Musco Mendes –, que compreende a experiência imperialista romana como um campo de experimentação de pesquisa, na medida em que possibilita a construção de problemáticas relacionadas às condições de criação de mecanismos de manutenção, reprodução e colapso do Império Romano. Em relação ao nosso projeto de doutoramento, buscamos estimular um debate sobre as semelhanças e as diferenças entre as modalidades de conflitos sociopolíticos que interagem com os processos de colapso dos impérios de matriz econômica agrária.

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 34 – SALA 227**

**Coord. Prof. Doutorando Victor Emmanuel Teixeira Mendes Abalada (UERJ)**

**GUERREIRAS ROMANAS: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS DAS GLADIADORAS.**

*Graduanda Marília Santos Colins (UFMA)*

De acordo com as pesquisas arqueológicas, as arenas romanas não foram dominadas somente por homens, também existiram as gladiadoras. Embora este seja um tema com pouquíssimas fontes, o interesse por ele tem crescido, principalmente com as escavações de túmulos, que possivelmente pertenceram a gladiadoras. Essas guerreiras também estão presentes em representações artísticas, como em esculturas. A proposta deste trabalho é construir uma análise das representações iconográficas das gladiadoras, com base nas fontes históricas existentes sobre elas. Para isso, utilizaremos como fonte a obra: *A vida dos doze césares*, de Suetônio, e para realização da análise, usaremos o livro: *Testemunha Ocular*, de Peter Burke.

**A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS: UM ENFOQUE À GLADIATURA NA ROMA ANTIGA.**

*Graduando Alexandre Almeida Lima Araujo (UEMA)*

Propomos nesta comunicação analisar o contexto da gladiatura romana (século III a.C. ao século I. d. C.) através das visões historiográficas do século XX e XXI. Dessa maneira, examinaremos as relações entre uma platéia "ociosa", "desocupada" e "apática" com os jogos gladiatoriais nos anfiteatros, circunscritos pela noção *panem et circences*, uma visão ligada às elites cunhada pelo

poeta satírico latino Juvenal, construindo uma representação dos gladiadores como objetos do poder imperial romano. Desta forma, se torna crucial evidenciarmos os profissionais que estariam (in)diretamente ligados aos espetáculos de gladiadores no Império romano e a figura do próprio *auctoratus* como gladiador.

### **A ECONOMIA ROMANA REVISITADA: OS ESPETÁCULOS E SUA RELAÇÃO COM A ECONOMIA DA CULTURA.**

*Prof. Mestre Kimon Speciale (LHIA / UFRJ)*

Os espetáculos romanos fizeram intrínseca parte da sociedade e do mundo romano. Os valores do *ethos* romano eram referenciados nas arenas, circos e teatros e demonstravam a ética e o projeto civilizador romano. Nesta comunicação, propomos uma reflexão acerca do papel que era relegado à função econômica exercida pelos espetáculos. Buscamos, através do pressuposto de que o mundo, e os espetáculos, romanos vivenciaram uma intensa circulação de mercadorias que adquiriam distintos valores nas arenas, analisar a inter-relação que se faz presente entre a economia e os espetáculos.

### **SÊNeca NOS PALCOS SETECENTISTAS: ELEMENTOS ROMANOS NOS LIBRETOS DE METASTASIO.**

*Prof. Doutorando Victor Emmanuel Teixeira Mendes Abalada (UERJ)*

A comunicação visa mapear e analisar elementos da recepção de Sêneca pelo poeta Pietro Metastasio no século XVIII, expondo a influência do filósofo romano seja na estrutura da ópera seria (espetáculo cujas bases foram estabelecidas pelas obras de Metastasio), seja na temática e/ou na abordagem da obra deste pelo poeta setecentista. O estudo dos elementos oriundos de Sêneca na obra de Metastasio se inseriria, assim, não apenas em um campo do estudo do pensamento e da cultura setecentistas, mas na problematização da questão do legado clássico, contribuindo para os estudos sobre a Antiguidade ao expor a historicidade desse conceito e como foi abordado e definido de formas diversas em conjunturas diferentes.

### **IMAGENS QUE TOCAM: AS DIVERSAS CONSTRUÇÕES SOBRE O MÚSICO NA ATENAS CLÁSSICA**

*Graduanda Arianne Pereira Alves (UEMA)*

O discurso bem formulado tem um poder social e como historiadores sabemos o quão devastador pode ser o poder dado à palavra, por isso, seu uso está ligado a uma intensa rede ético-social estabelecida em cada sociedade. Percebendo o discurso dentro de uma rede de linguagens, sendo ela escrita, falada ou visual, trabalhamos neste ensaio com o discurso escrito em conjunto ao deixado na cerâmica ática como documentação fundamental na compreensão das relações a serem analisadas. Sabemos também o quão fluídas podem ser as relações construídas dentro de um determinado grupo, onde na maioria das vezes as práticas sociais não correspondem aos ideias culturais a serem seguidos. Pensando nisso busco neste ensaio, junto a uma intensa pesquisa bibliográfica, ampliar nossas faculdades de análise sobre o que vem ser o músico dentro da Atenas Clássica e inserido nesse contexto, como sua figura e funções o tornam uma personagem ímpar na



composição do período. Baseados na importância do mesmo, questionamos aqui as diversas interpretações que recaem sobre o músico e como os demais componentes da sociedade o enxergam nessas relações.

**15:45 – 17:15 – MESA DE COMUNICAÇÕES 35 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Profa. Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante (IH-UFRJ)**

**(RE) VISITANDO A ANTIGUIDADE: VISITAS VIRTUAIS E ENSINO DE HISTÓRIA**

*Mestre Marcelo Fernandes de Paula (IH-UFRJ)*

*Graduanda Marcella Albaine Farias da Costa (PPGHC -UFRJ)*

Os constantes avanços tecnológicos têm potencializado a nossa criatividade. Tal fato é especialmente relevante quando pensamos na necessidade de reinventarmos nossa prática no cotidiano da sala de aula. Mas que relações essas inovações do tempo presente podem ter com o ensino de História, especialmente o da Era Antiga? Essa comunicação visa debater sobre as possibilidades e os limites das chamadas visitas virtuais, trabalhando com a iniciativa de reconstrução digital em 3D da cidade de Roma.

**O PIBID VAI À GRÉCIA: A OFICINA PEDAGÓGICA “SEGUINDO OS RASTROS DO TEMPO”**

*Graduanda Fernanda Gabrielly Terra Moura (PIBID-IH-UFRJ)*

*Graduanda Marcella Albaine Farias da Costa (PIBID-IH-UFRJ)*

*Profa Maria Perpétua Baptista Domingues (Supervisora PIBID-IH-UFRJ / Profa da Rede Estadual e Municipal de Ensino)*

*Graduando Vitor Alberto Gonçalves Correia (PIBID-IH-UFRJ)*

“A História Antiga na sala de aula constitui, desde longa data, uma grande preocupação para o professor”, afirma Pedro Paulo Funari (2010, p. 95). O chamado Currículo Mínimo, como sabemos, retoma a necessidade de ensinar os conteúdos da Antiguidade na rede estadual do Rio de Janeiro; todavia, os mesmos são, muitas vezes, trabalhados de forma distanciada da realidade dos alunos. Tendo esta e outras preocupações em mente, o Programa da Iniciação à Docência (PIBID) /História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) elaborou a oficina pedagógica “Seguindo os rastros do Tempo na Grécia Antiga”, que ora pretendemos apresentar. Esta temática serviu de fio condutor para trabalharmos questões relativas à escrita da História, ao tempo histórico (rupturas, continuidades e simultaneidades), à memória etc. – questões estas que julgamos igualmente relevantes, para além do conteúdo propriamente dito.

**OFICINA PEDAGÓGICA “RIO NA TERRA DO NILO”**

*Graduanda Luisa da Fonseca Tavares (IH-UFRJ)*

*Graduanda Raizza Teixeira dos Santos (IH-UFRJ)*

Como parte da proposta da disciplina “Cultura Material na Antiguidade Clássica e Educação Patrimonial I” ministrada no Instituto de História/UFRJ tendo o auxílio financeiro do Edital

Prodocência do MEC/CAPES, foi desenvolvida a oficina pedagógica “Rio na terra do Nilo”. A disciplina tem como foco a Educação Patrimonial e sua inserção no Ensino de História. Dentro dessa área, a oficina se utiliza da cultura material, do conceito de “biografia do objeto” às peças do acervo do Museu Nacional da UFRJ mais especificamente as exposições permanentes “Egito Antigo” (Coleção Egípcia dos Imperadores D. Pedro I e D. Pedro II), além da técnica do “drama” como método de ensino para História Antiga em nível da Educação Básica. Este trabalho apresenta a oficina desde sua produção durante a referida disciplina até a execução no Colégio de Aplicação da UFRJ.

### **BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O TEATRO A PARTIR DA ANÁLISE DO EVENTO “CSI ROMA”**

*Graduanda Helena Alves Rossi (IH-UFRJ)*

*Graduando Vinícius Macedo Pêgas (IH-UFRJ)*

*Bacharel Jessika Rezende Souza (IH-UFRJ)*

O presente trabalho abordará a Educação Patrimonial e o Ensino de História na Educação Básica a partir de uma proposta de trabalho realizada com alunos do 7º ano do ensino fundamental do CAP-UFRJ em 2012. A Educação Patrimonial será enfocada como uma área de trabalho e de pesquisa educacional, que amplia e enriquece o processo de ensino e aprendizagem da História, extrapolando os muros da sala de aula. A Cultura Material constitui-se como um excelente caminho para a aprendizagem do processo histórico, na medida em que os objetos relacionam-se a demandas cotidianas, individuais e coletivas, em determinado contexto histórico, atuando como vetores das relações sociais. Tradicionalmente, o Ensino de História tende a privilegiar os documentos escritos, marginalizando elementos da cultura material ao subutilizá-los como meramente ilustrativos dos textos escritos. A Cultura Material pode ser apresentada ao aluno de diferentes formas. Neste trabalho, mostraremos como as técnicas teatrais e o trabalho investigativo lúdico são uma possibilidade tangível para permitir o contato do aluno com o objeto e sua historicidade, pois através da coerência dos seus argumentos os próprios alunos tentam reconstituir uma possível versão para o ocorrido na trama. Esse encadeamento de hipóteses e suas explicações permitem também, aferir o grau de compreensão da matéria previamente dada em sala de aula aos alunos. Além de fazê-los experimentar mesmo que de forma simples, parte do próprio ofício do historiador.

**15:45 – 17:15 – MESA DE COMUNICAÇÕES 36 – SALA 225**

**Coord. Prof. Dra. Tania Martins Santos (PPGLC / UFRJ)**

### **ILUSÃO E REPRESENTAÇÃO DO TEATRO À MESA**

*Mestranda Claudia Dias Farias (PPGLC/UFRJ)*

Cada época possui suas formas de manifestação cultural que refletem sua sociedade. Nas sociedades grega e romana, esta manifestação pode ser observada nos momentos de reunião para fins de entretenimento, como é o caso das apresentações teatrais e dos banquetes oferecidos em determinadas ocasiões, entre muitas outras manifestações. Ao compararmos esses dois elementos sociais de grande importância, observam-se semelhanças, e, neste trabalho, objetiva-se comparar essas duas estruturas, apontando os elementos em comum nestas manifestações literárias. Para tal comparação, serão considerados os aspectos estruturais, os costumes e a verossimilhança presente nos textos, objeto de estudo, a saber: *O Banquete* de Trimálquio escrito por Petrônio em *Satiricon* e as peças *Anfitrião*, *Aululária* e *Os Cativos* do comediógrafo Plauto.

### **A RELIGIÃO FAMILIAR GREGA EM *ECONÔMICO***

*Prof. Mestre Emerson Rocha de Almeida (PPGLC / UFRJ)*

A família grega do período clássico era nuclear. O pai exercia a função sacerdotal, sendo o intermediário entre a família e os deuses. A religião estava tão presente na vida cotidiana grega que a *pólis* poderia ser descrita como uma “comunidade sacrificial”. A religião grega não exercia influência no comportamento moral, constituindo, apenas, “um sistema de magia mais do que de ética”. Os ritos tinham mais importância do que a boa conduta; pois, até os deuses olímpicos não eram exemplos de honestidade, moral ou gentileza. O objetivo do trabalho ora proposto é analisar, com base no Livro VII de *Econômico*, como Xenofonte apresenta o homem na sua função sacerdotal, conduzindo os ritos religiosos no âmbito familiar.

### **A MANIFESTAÇÃO DE EROS E DE AFRODITE EM SYMPÓSION, DE XENOFONTE**

*Profa. Dra. Tania Martins Santos (PPGLC / UFRJ)*

À luz da tradição mitológica, a origem de Eros e de Afrodite tangencia diferentes versões. Seguindo a versão das mais antigas teogonias, Eros é, no dizer de Pierre Grimal, “considerado como um deus nascido ao mesmo tempo que a Terra e gerado a partir do Caos primitivo”. Quanto à deusa Afrodite, a tradição mais corrente fundamenta-se em Hesíodo; entretanto, para Homero, é filha de Zeus e de Dione. Analisando-se a origem de ambas as divindades, pretende-se, no presente trabalho, examinar em que medida Eros e Afrodite se fazem presentes na vida dos homens, notadamente na obra xenofonteana *Sympóision*.

**15:45 – 17:15 – MESA DE COMUNICAÇÕES 37 – SALA 227**

**Coord. Profa. Dra. Claudia Beltrão Rosa (UNIRIO)**

### **HISTÓRIA DA MODA: A INFLUÊNCIA GREGA NA INDUMENTÁRIA OCIDENTAL**

*Prof. Mestre Giselle Moreira da Mata (Universidade Federal de Goiás)*  
*Graduanda Gabriela Carneiro Reis (Universidade Federal de Minas Gerais)*

A civilização helena, particularmente, no período que corresponde a Antiguidade Clássica, representa importante legado da civilização ocidental observada *a posteriori*. Neste sentido, neste trabalho, pretendemos discutir a relevância da cultura grega no elemento “estético”, no ocidente e elencarmos a importância do tema para o conteúdo histórico.

### **ELÉCTRA: ASTÚCIA, INDUMENTÁRIA E COMUNICAÇÃO**

*Profa. Doutoranda Maria Angélica Rodrigues de Souza (LHIA/PPGHC/UFRJ)*

A presente comunicação almeja refletir sobre a *métis* entre as atenienses do Período Clássico. Analisaremos uma das tragédias do escritor Sófocles, *Eléctra*. O trágico teceu, no decorrer

desta obra, diversas assertivas envolvendo o universo feminino e sua inteligência astuciosa. Neste estudo colocaremos em prática a noção de intertextualidade através do diálogo com os demais autores contemporâneos a Sófocles.

### **PARECER-SE COM UM GREGO: ESTRATÉGIAS DE IDENTIDADE**

*Profa. Doutoranda Vanessa Ferreira de Sá Codeço (UFRJ)*

Buscamos, nessa comunicação, discutir um pouco sobre a importância dada pelos helenos na adoção de uma “aparência grega” pelos membros do corpo *poliade* ateniense do Período Clássico (séculos V e IV a.C). Acreditamos que essa preocupação revela um posicionamento identitário, diretamente relacionado à sua representação.

**18:00 – 20:30 – SALÃO NOBRE**

#### **Conferência 08**

### **ENTRE LA NARRATIVA Y LA HISTORIA. CONFLICTIVIDAD SOCIAL, DISCORDIA Y VIOLENCIA EN HESÍODO: UNA LECTURA DE *TRABAJOS Y DÍAS* EN EL MARCO DE LOS VÍNCULOS FAMILIARES Y SOCIALES.**

*Profa. Maria Cecília Colombani (Universidad Nacional Mar del Plata / Universidade de Morón)*

El proyecto del presente trabajo consiste en analizar las marcas del conflicto social en Hesíodo y vincularlo con la idea de injusticia como motor del mismo. Para ello nos ubicaremos en *Trabajos y Días* por constituir el poema más político-social del poeta de Ascra. Si *Teogonía* no fue indiferente al tópico que queremos problematizar, a partir del intenso nivel de conflictividad que la dramática divina devuelve, no cabe duda de que es en *Trabajos y Días* donde la cuestión social, política y antropológica se vuelve dominante. No es ajena tampoco la particular coyuntura histórica de Hesíodo, ya que el agitado mundo antiguo parece desplegar el pasaje de una estructura aldeana a una estructura política, entendiendo el término exclusivamente desde el parentesco con el término *polis*; en efecto, su advenimiento marca, sin duda, un hecho capital en el mundo occidental. El tema del conflicto social no puede ser, pues, ajeno, a la mutación del modelo de convivencia que se viene preparando. La propia aldea como enclave de la experiencia hesiódica, muestra los signos de la conflictividad, a partir de los distintos modelos de hombres que juegan sus roles en el escenario social. La violencia está íntimamente relacionada con el tema de la conflictividad social, sobre todo con la noción de *eris*. El tratamiento que hace el poeta de las dos érides da cuenta de un desplazamiento en torno al tópico desde *Teogonía* a *Trabajos y Días*, ya que, en este poema, Hesíodo alude a la existencia de dos érides y no una, tal como aparecía en *Teogonía*. Una de estas érides, de signo negativo y oscuro, es, sin duda, la clave de la cuestión del conflicto social, porque siembra la discordia entre los hombres. En este marco, que tensiona la trama de la historia con la urdimbre de la narración, nuestro proyecto consiste en efectuar una lectura antropológica de *Trabajos y Días*, refiriéndonos al complejo universo vincular que el poema abre.

### Conferência 09

#### **NARRATIVA PICTÓRICA: AS CRATERAS CORÍNTIAS**

*Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (NEREIDA/PPGH/UFF)*

O objetivo da palestra consiste em analisar as representações criadas pelos artesãos domiciliados na *pólis* de Corinto durante os VII e VI séculos a.C. Para tal, iremos estudar as crateras coríntias da coleção do Museu do Louvre buscando identificar signos específicos que possam explicitar contatos culturais e trocas entre os artífices antigos.

**SEXTA FEIRA – DIA 28 DE SETEMBRO DE 2012**

**09:00 – 12:30 – SALÃO NOBRE**

### Conferência 10

#### **YAROSLAV CERNY E O COTIDIANO DOS OPERÁRIOS DE DEIR EL MEDINA**

*Profa. Dra. Margaret M. Bakos (PUCRS/CNPq)*

Esta conferência vai fazer uma análise histórica do contexto de surgimento de uma vila no Egito Antigo, intitulada de Deir el Medina. Esse nome que, em árabe, significa *O mosteiro da vila*, designa o local em que viveram os trabalhadores encarregados da decoração dos templos e tumbas dos faraós, de seus familiares e da nobreza egípcia em geral, a partir da XVIII dinastia (1550-1307 a.C.) e, ao longo das XIX e XX dinastias, até o início do chamado 3º período intermediário. Nesse período, a área tebana tornou-se o palco de disputas de poder entre os povos vizinhos do Egito, os líbios e os núbios, que, posteriormente, iriam fundar as XXII e a XXV dinastias, respectivamente. A tensão dos embates levou os egípcios ao abandono de Tebas e o retorno da corte para o Baixo Egito, com a criação da XXI dinastia. Nesse tempo, a vila de Deir el Medina foi desocupada pelos trabalhadores, que então se refugiaram no monumental templo funerário de Ramsés III, Medinet Habu, fase conhecida como da Renascença egípcia. O cotidiano dos escribas de Deir el Medina, no período da Renascença, chegou até nós através, principalmente, da correspondência que Dhutmose, um escriba da vila que assumiu um posto militar junto à área de conflito aberto. O entendimento das cartas de Dhutmose, encontradas e transcritas dos hieróglifos, resultaram do incansável trabalho de Yaroslav Cerny (1898-1970), que pretendemos apontar e valorizar nesta conferência.

### Conferência 11

#### **MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NO MITO DE TEUTE**

*Prof. Dr. Admar Costa (UFRRJ – Filosofia)*



Na parte final do *Fedro* de Platão, Sócrates narra-nos um mito sobre a invenção da escrita e a pretensão de seu inventor, o egípcio Teute, de tornar os homens mais sábios e com melhor memória. Ao submeter esse remédio para o esquecimento ao rei Tamuz, Teute é contrariado pela avaliação do rei do Egito que considera a escrita, não remédio, mas veneno para quem aprende, pois desobrigará a alma dos exercícios da memória. Partindo deste desacordo, nosso trabalho investigará em que consiste essa ambiguidade da escrita e a relação entre narrativa e memória.

## Conferência 12

### GLAUCO MARINHO: NARRATIVAS DE UM MITO

*Profa. Dra. Ana Livia Bomfim Vieira (UEMA)*

Neste trabalho, analisaremos as diferentes narrativas sobre o mito de Glauco, divindade marinha honrada pelos chamados homens do mar. As narrativas sobre Glauco, potestade marinha aterrorizante, representam os vários aspectos deste personagem e daqueles que lhe rendem homenagem.

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 38 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Profa. Doutoranda Evelyne Azevedo (PPGARq- Museu Nacional UFRJ)**

### A ESTÁTUA CUBO EGÍPCIA DO ACERVO DO MUSEU D. JOÃO VI E A QUESTÃO MUSEOLÓGICA

*Profa. Doutoranda Evelyne Azevedo (PPGARq – Museu Nacional - UFRJ)*  
*Graduanda Daniele Cristina Liberato de Oliveira (História da Arte da UERJ)*

A partir da aquisição da cópia de uma estátua cubo egípcia para acervo do Museu D. João VI, este presente estudo pretende discutir, de forma introdutória, o modelo iconográfico deste tipo de estatuária e as relações referentes à sua cópia de um possível original do Musée du Louvre. É ainda fundamental, neste caso, discutir a relação museológica pertinente a seu processo de incorporação ao acervo do Museu D. João VI feita de forma bastante tardia e desassociada a própria característica em que o acervo se desenvolveu ao longo do tempo.

### A RELIGIOSIDADE NO REINADO DE RAMSÉS XI: PRIMEIROS RESULTADOS DO PROCESSO DE TRADUÇÃO E TRANSLITERAÇÃO DA NOMINATA DOS DEUSES

*Graduanda Anny Aldrey da Silva Konrath (PUCRS)*  
*Graduando Adriano Fagherazzi (PUCRS)*

Este grupo de pesquisa está vinculado a um projeto maior, coordenado pela Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos, intitulado “Correspondências de Deir El Medina: a vida cotidiana no tempo de Dhutmose: (±1087-1070 a.C.)”, que tem a chancela do CNPq. Durante a vigésima dinastia, no reinado do faraó Ramsés XI (1099 – 1070 a.C.), o Egito vivia um período de grande turbulência sócio-política tanto no aspecto interno, como externo. Ramsés envolveu-se em uma ampla política ofensiva contra a Núbia e as invasões líbias. O escriba Dhutmose, locado originalmente em Deir El Medina, foi deslocado à região do conflito, nas fronteiras com a Núbia, para ser o responsável pela comunicação entre o Templo do Faraó e o Exército. Ao procurar estabelecer contato com seus familiares, enviou cartas que, atualmente, constituem um *corpus documental* de inestimável valor para o conhecimento das rotinas dele e dos que ficaram na região da vila. Nesta comunicação vamos apontar os primeiros resultados de nosso trabalho de tradução e de

transliteração dos hieróglifos destas cartas, apresentando os deuses mencionados por Dhutmose.

### **ESPAÇO PRIVADO NAS CASAS EGÍPCIAS EM DEIR EL-MEDINA**

*Prof. Mestrando Genilson de Azevedo Farias (UFRN)*

*Profa. Mestranda Josiane Gomes da Silva (UFRN)*

A proposta do presente trabalho terá como tema a análise das representações dos espaços internos e externos percebidos no espaço cotidiano e identificados nas fontes iconográficas e escritas encontradas em sítio arqueológico da antiga vila egípcia Deir El Medina. Para o entendimento deste tema será utilizado o método da arqueologia que e a tipologia, que consiste em selecionar um corpus documental em tipo e catalogá-las em fichas, para em seguida empregar o método das análises iconográfica das imagens constituintes do Papiro Erótico Egípcio de Turim e as demais fontes de cunho imagético e escrito. Esta pesquisa busca resolver a seguinte questão: como e possível identifica os espaços interno e externos presentes nas representações do espaço cotidiano da vila Deir El Medina? E como eram as concepções de espaços para os antigos egípcios?

### **SEM NEGOCIAÇÃO: OS ASSENTAMENTOS NA COSTA MEDITERRÂNEA E O COMEÇO DO FIM DO PROTETORADO EGÍPCIO NO LEVANTE NA ÉPOCA DO FARAÓ RAMSÉS II (1279-1213 A.C.)**

*Prof. Mestre João Batista Ribeiro Santos (UERJ)*

Esta pesquisa da história tem por tema os assentamentos na costa mediterrânea na época do faraó Ramsés II (1279 -1213 a.C.). O evento fundante marca o começo do enfrentamento encetado de forma organizada pelos “Povos do Mar” contra a presença egípcia no Levante. A mudança do quadro geográfico e, posteriormente, da política está na origem de dois fatos relevantes: a derrota do Egito e o colapso da Idade do Bronze Recente. Nossa hipótese é que o controle das cidades da costa proporcionou condições políticas e militares para a emergência das grandezas socioétnicas que controlarão o Levante na época do faraó Ramsés III (1184-1153 a.C. a.C.). Assim, buscaremos demonstrar a importância estratégica dos assentamentos para a nova demografia do Mediterrâneo, as primeiras políticas de povos autóctones e as principais cidades costeiras.

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 39 – SALA 225**

**Coord. Prof. Doutorando Manuel Rolph de Viveiros Cabeceiras (CEIA-UFF)**

### **300: O RELATO, O QUADRINHO E O FILME.**

*Graduando Daniel Pacheco Sabóia (UFMA)*

O trabalho tem por objetivo analisar o quadrinho 300 de Frank Miller, o filme homônimo de 2006 dirigido por Zack Snyder e comparar tais adaptações com o relato de Heródoto nas suas *Histórias*, uma das fontes principais no estudo das Guerras Médicas, da Batalha das Termópilas, para analisar sua validade e qualidade de adaptação, não apenas para uma crítica artístico-literária, mas com o objetivo de pensar tais obras como auxiliares na transmissão do conteúdo para os estudantes. O método a ser utilizado consiste em analisar os elementos internos e externos das adaptações e compará-las com as pesquisas de Heródoto.

### **REI DOS PICTOS E INIMIGO MORTAL DOS ROMANOS: ANÁLISE DA RELAÇÃO**

### **ENTRE LITERATURA E QUADRINHO.**

*Graduando Michel Roger Boaes Ferreira (UFMA)*

Histórias em quadrinhos são excelentes ferramentas auxiliares na compreensão de episódios históricos, no entanto o seu uso não deve ser feito de modo irresponsável e requer uma série de precauções por parte do leitor. Este artigo analisa uma história em quadrinho que retrata a vida de um ficcional rei picto contemporâneo ao Império Romano, Bran Mak Morn, criado pelo escritor inglês Robert E. Howard e adaptado para a revista em quadrinho *A Espada Selvagem de Conan, O Bárbaro* por Roy Thomas, Barry Smith e Tim Conrad. Também realizamos ponderações historiográficas sobre a representação dos pictos cruzando as informações da revista de histórias em quadrinhos, com o conto original do escritor Robert Howard e com algumas fontes historiográficas. Como principais autores teóricos, utilizamos as definições de Sally M. Foster para caracterização dos pictos, para análise das iconografias empregaremos as ideias de Peter Burke, bem como utilizaremos as ponderações de Johnni Langer e Carlos Manoel Cavalcanti para a análise dos quadrinhos.

### **CRENÇAS, HÁBITOS E BATALHAS: OS CELTAS NARRADOS NO FOLK METAL BRASILEIRO.**

*Graduando Wesley Santos Avelar (UFMA)*

Este artigo tem por finalidade apresentar as formas de representações da mitologia, religião e cotidiano dos Celtas da Irlanda e Escócia abordadas pela banda de folk metal brasileira Tuatha de Danann, presentes em suas letras alguns componentes das crenças, hábitos e heróis dos Celtas daquela região. Colocando também essa música como um caminho para compreensão da história dos Celtas, evidente nas músicas a serem analisadas.

### **APROPRIAÇÃO PELO CRISTIANISMO DE UM ESQUEMA IMAGÉTICO CLÁSSICO NO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA NO RIO DE JANEIRO.**

*Graduanda Paula Alencar de Passos Pereira de Castr (IH-UFRJ)*

Encontra-se, no cemitério de São João Batista, um esquema imagético amplamente disseminado, onde aparece um anjo velando a sepultura do morto. Vistos do ponto de vista cristão. Tal ser angélico poderia ser confundido com Miguel, Gabriel ou qualquer outro anjo que tenha por função a proteção. No entanto, tal esquema imagético é dependente da tradição clássica grega, especialmente da representação da deusa *Nike* ou mais especificamente da Vitória de Samontrácia.

**14:00 – 15:30 – MESA DE COMUNICAÇÕES 40 – SALA 227**

**Coord. Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese (IH / UFRJ)**

### **“O ENTORNO RELIGIOSO” E O “PAGANISMO” À ÉPOCA DOS PALEOCRISTIANISMOS: UMA ANÁLISE TEÓRICA SOBRE ENCONTROS E INTERAÇÕES CULTURAIS NO MEDITERRÂNEO ANTIGO.**

*Prof. Doutorando Daniel Brasil Justi (PUC RJ – PPGHC- I-UFRJ)*

A comunicação pretende apresentar perspectivas teóricas atuais no estudo sobre magia e paleocristianismos. Para que tal empreendimento seja possível, tratar-se-á de analisar as aproximações teóricas e metodológicas que a bibliografia especializada vem apresentando para tal

estudo: Pietro – “encontro”; Klauck – “entorno”; Sahlins – “interação”. Assim, o objetivo será apresentar essas perspectivas, submetê-las ao debate com os pares dessa mesa e dialogar com o público a adequação de tais métodos para o estudo das relações entre magia e paleocristianismos, no particular e, os paleocristianismos em contato com a Cultura Mediterrânea, no geral.

**“SE O DEIXARMOS ASSIM, OS ROMANOS VIRÃO E DESTRUIRÃO A NAÇÃO”: A NARRATIVA DA RESSURREIÇÃO DE LÁZARO (JO 11:1-46) EM PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL.**

*Prof. Doutorando Lair Amaro dos Santos Faria (PPGHC-IH-UFRJ)*

Narrativa exclusiva do Quarto Evangelho, a ressurreição de Lázaro possui elementos que, para além da leitura de fundo teológico comumente realizada, apontam para os efeitos da presença romana no ministério público de Jesus de Nazaré. A perspectiva pós-colonial, desenvolvida por acadêmicos do chamado Terceiro Mundo, desafia as abordagens padrão e propõe uma leitura renovada da passagem em destaque.

**AGOSTINHO E A DIALÉTICA DAS DUAS SOCIEDADES: A CIDADE DE DEUS E A CIDADE TERRENA.**

*Prof. Mestre Fabiano de Souza Coelho (UFES)*

Em 24 de agosto de 410 d. C., a cidade de Roma foi saqueada, por três dias e três noites, pelos visigodos comandados por Alarico. Tal episódio contribuiu para que os pagãos questionassem a nova ordem política e religiosa vigente no Império Romano. Naquele tempo, Agostinho (354-430 d. C.), bispo da cidade de Hipona, norte da África romana, foi um dos principais personagens do debate entre cristãos e pagãos, além de também ter sido um dos maiores personagens da história da Igreja cristã. Este acontecimento em Roma levou Agostinho a elaborar sua réplica aos pagãos – uma apologia ao Cristianismo – feita por meio dos XXII Livros da *A Cidade de Deus*. Este artigo apresentará na perspectiva teórico-metodológica da Nova História Cultural e da Análise de Discurso como foram construídas nessa obra as duas cidades – a saber, de cidade de Deus e a cidade dos homens.

**“CRISTO ESTARIA ASSIM DIVIDIDO?”: RELAÇÕES DE PATRONAGEM NA COMUNIDADE PAULINA DE CORINTO (SÉCULO I EC).**

*Graduanda Juliana Batista Cavalcanti (UFRJ/IH)*

Esta comunicação visa apresentar alguns dados iniciais da pesquisa em curso sobre os tipos de lideranças na comunidade paulina do século I EC na cidade de Corinto. E, conseqüentemente, suas respectivas estratégias de obtenção e perpetuação do poder. À luz do conceito de patronagem (Hadrill), tentaremos expor alguns indícios que evidenciam que a relação patrono-cliente que era frequente no Império Romano, bem como, responsável por garantir a coesão desta sociedade; são também reproduzidas na comunidade cristã de Corinto.

**15:45 – 17:15 – MESA DE COMUNICAÇÕES 41 – SALÃO NOBRE**

**Coord. Prof. Dr. Claudio Umpierre Carlan (UNIFAL-MG)**

**AS NARRATIVAS E SUAS REPRESENTAÇÕES NA ANTIGUIDADE TARDIA.**

*Prof. Dr. Claudio Umpierre Carlan (UNIFAL-MG)*

No mundo romano, a imagem tinha uma função específica: legitimar o poder imperial, através das representações do seu cotidiano. Nesse sentido, a moeda teve, ainda tem, não apenas o objetivo de representar, mas também de divulgar para diferentes povos, suas iconografias monetárias. Como *corpus* documental, analisaremos o acervo numismático do Museu Histórico Nacional, do Rio de Janeiro. Maior coleção monetária da América Latina.

**A ASSOCIAÇÃO DAS FONTES ESCRITAS E MATERIAIS PARA O ESTUDO DA ANTIGUIDADE TARDIA: A ADMINISTRAÇÃO DE VALENTINIANO I EM EVIDÊNCIA.**

*Graduanda Lalaine Rabêlo (UNIFAL-MG / FAPEMIG)*

Nosso trabalho visa o estudo da antiguidade tardia, mais precisamente o período valentiniano (364 a 375 d.C.) através de fontes escritas e materiais. Nosso objetivo é associar as fontes materiais, em nosso caso a numismática, e as fontes escritas para compreender melhor este período. Sabemos que as imagens nos trazem detalhes que muitas vezes nos escapam na leitura de fontes escritas. No caso das moedas, esta era objeto de propaganda do governo vigente e por conter imagens, atingia uma parcela maior da população que não tinha domínio da escrita e da leitura.

**A PERSONIFICAÇÃO DA CIDADE DE ROMA: UMA ANÁLISE DAS TROCAS CULTURAIS GRECO-ROMANAS EM MOEDAS NO SÉCULO III A.C.**

*Graduando Diego Santos Ferreira Machado (NERO/UNIRIO / UNIRIO)*

Ao término do século IV a.C, Roma, devido a problemas sociais internos, iniciou uma série de campanhas expansionistas, tanto no Lácio, como na península Itálica. Desta forma, cidades da Magna Grécia foram dominadas e absorvidas, o que gerou trocas sociais e religiosas nessas cidades e na *Vrbs*. Diante disto, esta comunicação propõe uma análise do movimento de legitimação e reprodução de imagens, em moedas, da personificação da cidade de Roma, *dea Roma*, inserindo-o neste contexto de expansão, domínio e trocas.

**AS DIVERSAS FACES DA MOEDA: HIBRIDISMO CULTURAL EM TRÊS *NOMOÍ* EGÍPCIOS (*HERAKLEOPOLITES*, *HERMOPOLITES* E *MENELAITES*) DURANTE A DINASTIA ANTONINA.**

*Graduanda Caroline Oliva Neiva (LHIA-UFRJ)*

A cunhagem monetária caracteriza-se pela criação de tipologias e padrões, que pouco se alteram com o passar do tempo. Na cunhagem egípcia, não foi diferente. Os padrões iniciados pelos governantes lágidas se mantiveram durante a dominação romana, sofrendo alterações e inovações mínimas, seja na composição da liga metálica, seja em suas representações imagéticas. Na presente comunicação, abordarei as representações imagéticas de moedas cunhadas na Oficina de Alexandria durante a Dinastia Antonina (96-192), que refletem o hibridismo cultural em três *nomoi* egípcios – *Herakleopolites*, *Hermopolites* e *Menelaites* – que foram majoritariamente habitadas por gregos. Evidenciamos representações híbridas de divindades gregas associadas às egípcias, formando novos símbolos de identidade local.



**RELIGIÃO, PROSPERIDADE E PODER NA BRETANHA ROMANA DO BAIXO IMPÉRIO: O COMPLEXO TEMPLO/THERMAE DE NODENS EM LYDNEY PARK, GLOUCESTERSHIRE.**

*Prof. Brunno Oliveira Araujo (NEREIDA - UFF)*

Este trabalho analisa aspectos ligados ao poder, economia e religiosidade romano-céltica entre os séculos III e V a.C na atual região de Gloucestershire, Inglaterra, área originalmente ocupada pela tribo dos *Dobbuni*. Diferentes pontos dessa região presenciaram uma fase de profundo florescimento econômico, social e cultural a partir do século I d.C, seja no florescimento e *coloniae* romanas, cidades romano-bretãs, ou na criação de complexos religiosos e de peregrinação, frutos de uma religiosidade híbrida. Focando no complexo templo/*thermae* de Lydney Park, datado do século IV d.C, dedicado a um deus nativo identificado como Nodens, assumiremos uma postura pós-colonial na análise das fontes arqueológicas, pretendemos entender o fenômeno tardio de Lydney Park no contexto local, e seu peso socioeconômico para a região e as elites locais através de uma análise comparativa

**PLUTARCO E ARRIANO: A UTILIZAÇÃO DE NARRATIVAS NA ELUCIDAÇÃO DAS QUESTÕES CULTURAIS RELACIONADAS A ALEXANDRE, O GRANDE.**

*Graduanda Estela de Melo Faria (UNIFAL/MG)*

O uso de narrativas é de grande importância para os estudos ligados à antiguidade, obras que são conservadas e chegam aos nossos dias nos dão informações que complementam ou servem de base para o estudo da antiguidade. As narrativas de Plutarco e de Arriano dão base ao estudo de Alexandre o Grande que desenvolvo como pesquisa, vários dos episódios descritos por eles em seus escritos ajudam a confirmar aspectos de sua trajetória, como por exemplo, sua grande devoção aos seus deuses. Esse trabalho tentará mostrar como passagens dessas narrativas foram importantes para o andamento de meu trabalho, já que proponho a mostrar os traços culturais deixados por Alexandre e que sobreviveram a essa época.

**15:45 – 17:15 – MESA DE COMUNICAÇÕES 42 – SALA 225**

**Coord. Profa. Doutoranda Lorena Lopes da Costa (UFMG)**

**“O MITO É O NADA QUE É TUDO”: HISTÓRIA E NARRATIVA TRÁGICA PARA ENTENDER O DIONISISMO NA GRÉCIA ARCAICA E CLÁSSICA.**

*Prof. Mestrando João Estevam de Argos (MAE - USP)*

“O mito é o nada que é tudo”, nos diz um dos maiores *aedos* do mundo contemporâneo. Tendo como ponto de partida esta máxima poética nos ateremos na presente comunicação a levantar uma breve discussão a abordar mito, história e narrativa trágica com o fito de refletir acerca da tragédia grega, sua instituição em Atenas, e o dionisismo. Tomamos a tragédia grega como uma “historiografia dos trágicos” a permitir ao historiador e ao arqueólogo tentar desvendar aspectos da sociedade grega, mais especificamente nessa discussão, aspectos do culto de Diônisis na Grécia antiga.

**A NARRAÇÃO DE SUETÔNIO E PLÍNIO, O JOVEM SOBRE AS VIRGENS VESTAIS E OUTROS CARGOS RELIGIOSOS**

*Graduanda Aline Beatriz Pereira Silva Coutinho (UNIRIO)*

Este presente trabalho tem como objetivo apresentar um olhar sobre as virgens vestais e suas características presentes na análise dos livros de Suetônio em *Os doze Césares* e Plínio, o Jovem. Esta análise, feita durante o período do Principado romano irá analisar a importância sociopolítica das virgens vestais em relação ao poder de fato da época. Além disso, a análise do status e da imagem de outros cargos religiosos romanos como augures e flâmines se insere-se dentro desta pesquisa sobre o lugar dos mesmos no mundo político do Principado relacionando-o com o período da República romana.

### **FILHAS DOS DEUSES: A INSERÇÃO FEMININA ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE GREGA**

*Graduando Maykon Soares Jansen (UFMA)*

A condição político-social das mulheres diferia com a dos homens na Grécia antiga, conferindo uma relação, por vezes, de misoginia e inferioridade. Aliadas do mundo político, sua inserção se dava principalmente por meio dos rituais religiosos e das festas cívicas, tais como as Canéforas ou Tesmofórias. Este trabalho discutirá, através das pesquisas de Louise B. Zaidman e Giulia Sissa, como as mulheres na Grécia Antiga, sócio e politicamente excluídas, conseguiram integrar-se através de festivais e rituais cívicos, muitas vezes tornando-se o elo entre a sociedade e os deuses.

### **AS HISTÓRIAS DO PASSADO: SOBRE O CANTO DAS SEREIAS**

*Profa. Doutoranda Lorena Lopes da Costa (UFMG)*

A comunicação tem como carro-chefe os textos de Pietro Pucci, Irene de Jong e Jacyntho Brandão e busca explorar, no plano interno da epopéia, uma consciência poética da impossibilidade de narrar o passado de forma absoluta, como parecem pretender as Sereias do Canto XII da *Odisseia*. O objetivo da discussão é melhor dimensionar essa consciência poética, enquanto pré-requisito para a existência de possibilidades de narrar o passado, as quais, distintas do canto das sereias, explicitam-se tanto pela voz do poeta, quanto por meio da voz de suas personagens, humanas e também divinas, como apenas fragmentos do que houve ou pode ter havido no passado. Conforme o desenvolvimento da discussão, sugere-se que a percepção da impossibilidade de contar tudo o que houve no passado antecede, no enredo mesmo, a narrativa de Odisseu para os feácios. Esta, ao rememorar o episódio das sereias, explicita a consciência poética, aludida acima, de um passado pleno ser finalizador da vida e da própria narrativa. Para contar de seu passado, enfim, Odisseu se dá conta de que é possível fazê-lo, mas é preciso não contar tudo.

### **CLEON E DIÓDOTO - A DEMOCRACIA ATENIENSE SOBRE O ABISMO DO EMBATE RETÓRICO**

*Prof. Doutorando Luís Filipe Trois Bueno e Silva (UFSC-PPGF)*

A antilogia de Cleon e Diódoto registra um ponto de inflexão no ânimo da democracia ateniense. Não apenas isto. Reflete precisamente o abismo sobre o qual aquele regime balouçava. Esta antilogia, pois, ensejada pela assembléia que decidiria o destino de Mitilene, ainda exemplifica uma deliberação, conquanto turbulenta, na qual a linguagem argumentativa consegue manobrar a divisão da *pólis* e sinalizar a melhor escolha para o corpo cívico. Em um contexto em que os oradores trocam acusações de manipulação do discurso e das palavras, e no qual a “a bela

fachada” (*onoma euprepes*) se faz “ilusória” (*proskema*), enquanto Cleon propõe as posturas mais enérgicas e punitivas possíveis contra as sublevações ocorridas em Mitilene, Diódoto, responde que tal medida recrudesceria ainda mais os ânimos em um momento em que Atenas precisava garantir o apoio de seus aliados e o respeito das *póleis* em situação de neutralidade. Depois da arenga entre Diódoto e Cleon, Tucídides evidencia a perda da capacidade de negociação por parte das instituições democráticas com as animosidades e discordâncias dentro da comunidade ateniense, porquanto as decisões da assembléia se mostrariam, a partir de então, todas elas, desastrosas para a sobrevivência da cidade.

